



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFPG  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PALOMA ALVES JORGE

**A DEVOÇÃO A SÃO SEBASTIÃO NA CIDADE DE IPAUMIRIM – CE**

Cajazeiras – PB  
2017

PALOMA ALVES JORGE

**A DEVOÇÃO A SÃO SEBASTIÃO NA CIDADE DE IPAUMIRIM – CE**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

**Orientador:** Prof. Isamarc Gonçalves Lôbo

Cajazeiras – PB  
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

J826d Jorge, Paloma Alves.  
A devoção a São Sebastião na cidade de Ipaumirim - CE / Paloma  
Alves Jorge. - Cajazeiras, 2017.  
63f.: il.  
Bibliografia.

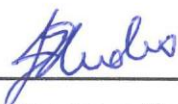
Orientador: Prof. Me. Isamarc Gonçalves Lôbo.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Romaria - Ipaumirim - Ceará. 2. São Sebastião. 3. Catolicismo. 4.  
Religião. I. Lôbo, Isamarc Gonçalves. II. Universidade Federal de  
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

## A DEVOÇÃO A SÃO SEBASTIÃO NA CIDADE DE IPAUMIRIM – CE

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 09/10/2017



---

Profº. Ms. Isamarç Gonçalves Lôbo  
**Orientador**



---

Profª. Dra. Rosemere Olímpio de Santana  
**Titular**



---

Profª. Dra. Ana Rita Uhle  
**Titular**

---

Profª. Dra. Viviane Gomes de Ceballos  
**Professor Suplente**

Aos meus pais, Maria Clizantina Oliveira e Julimar Jorge Pereira; ao meu irmão Paulo Dhonny Alves Jorge e Pierre Alves Jorge (*In Memoriam*), que partiu cedo e faz muita falta nas nossas vidas. À todos os meus familiares, que sempre estão presentes na minha vida e, em especial, ao meu esposo e amigo, Márcio Greik Barbosa Ferreira,

**DEDICO.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar à Deus, por tudo que tem proporcionado em minha vida;

Em especial, ao meu querido professor e orientador, Isamarc Gonçalves Lôbo, por toda paciência e dedicação;

Aos meus amigos que tanto estimo: Edna, Erivaneide, Evandir, Andressa, Sabrina, Marcelo, Crislândia, Moisés e Erivan;

À todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

*“Que todos os nossos esforços estejam sempre focados no desafio à impossibilidade. Todas as grandes conquistas humanas vieram daquilo que parecia impossível”.*

Charles Chaplin

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1.</b> Capela de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1920.....	34
<b>Imagem 2.</b> Reforma da capela em 1950, representando a construção da torre.....	36
<b>Imagem 3.</b> Reforma da capela em 1956.....	36
<b>Imagem 4.</b> Saint Sebastian.....	41
<b>Imagem 5.</b> Imagem de São Sebastião durante procissão em Ipaumirim – CE.....	43
<b>Imagem 6.</b> Pedra de São Sebastião.....	44
<b>Imagem 7.</b> Visitantes sobre a Pedra São Sebastião, em 20 de janeiro de 2009.....	45
<b>Imagem 8.</b> Romeiros percorrem o trajeto que dá acesso à Pedra São Sebastião....	46
<b>Imagem 9.</b> Escadaria, Pedra São Sebastião.....	47
<b>Imagem 10.</b> Fieis acendem velas sobre a Pedra São Sebastião no dia 20 de janeiro de 2009.....	48
<b>Imagem 11.</b> Realização da missa na Pedra de São Sebastião, no dia 20 de janeiro de 2009.....	49
<b>Imagem 12.</b> Imagem do Santo é transportada pelas ruas, em foto de 2009.....	50
<b>Imagem 13.</b> Fieis participam da procissão que marca o encerramento da Festa de São Sebastião em Ipaumirim, em foto de 2009.....	51
<b>Imagem 14.</b> Fieis sobem os degraus para alcançar o topo da Pedra São Sebastião.....	53
<b>Imagem 15.</b> Devoto de São Sebastião sobre os degraus de joelhos, numa demonstração de fé e agradecimento às graças alcançadas.....	54
<b>Imagem 16.</b> Devoto de São Sebastião sobre os degraus de joelhos, e a criança com as vestes de numa demonstração de fé e agradecimento às graças alcançadas.....	55
<b>Imagem 17.</b> Sala dos milagres.....	56



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a devoção a São Sebastião na cidade de Ipaumirim, Ceará, a partir de uma breve caracterização do contexto sócio histórico em que se desenvolveram as manifestações de devoção. O estudo se desenvolveu a partir de um amplo referencial teórico, abrangendo a origem da religião católica no Brasil, assim como as expressões populares da religiosidade e a dinâmica de surgimento das comunidades desde a colonização, especialmente na região nordeste, nos Estados da Paraíba e Ceará. Aborda-se ainda o impacto da religião na formação de agrupamentos que, posteriormente, se transformaram em grandes cidades e até mesmo importantes núcleos de romaria, uma importante forma de manifestação católica da fé cristã, que motiva milhares de pessoas a se deslocarem anualmente até os locais de devoção. Ao longo do trabalho, busca-se delinear o surgimento e desenvolvimento da cidade de Ipaumirim, assim como a importância da Religião Católica nesse processo, a partir da Igreja e Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em torno da qual foi edificada a cidade. São apresentados os principais marcos que caracterizaram o início da devoção e São Sebastião, o desenvolvimento e a repercussão atual da romaria. Por fim, é possível concluir que a Festa de São Sebastião representa um dos mais importantes exemplos de fé cristã no município e região, sendo que a religião representa sim, parte fundamental da vida e nas práticas cotidianas das pessoas, que expressam suas crenças e sua fé aos locais de culto religioso por meio das peregrinações e romarias.

**Palavras-chave:** Romaria. São Sebastião. Religião. Catolicismo.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to analyze the devotion to Saint Sebastian in the city of Ipaumirim, Ceará, from a brief characterization of the socio-historical context in which the manifestations of devotion developed. The study developed from a broad theoretical reference, covering the origin of the Catholic religion in Brazil, as well as popular expressions of religiosity and the dynamics of the emergence of communities since colonization, especially in the northeast region, in the states of Paraíba and Ceará . The impact of religion on the formation of clusters, which later became major cities and even important centers of pilgrimage, is an important form of Catholic manifestation of the Christian faith, which motivates thousands of people to travel annually to the places of devotion. Throughout the work, we seek to outline the emergence and development of the city of Ipaumirim, as well as the importance of the Catholic Religion in this process, from the Church and Parish of Our Lady of Conception, around which the city was built. The main milestones that characterized the beginning of devotion and Saint Sebastian, the development and the current repercussion of the pilgrimage are presented. Finally, it is possible to conclude that the Feast of Saint Sebastian represents one of the most important examples of Christian faith in the municipality and region, with religion representing yes, a fundamental part of life and daily practices of people, which express their beliefs and their faith to places of religious worship through pilgrimages and pilgrimages.

**Keywords:** Pilgrimage. San Sebastian. Religion. Catholicism.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1</b>	<b>HISTÓRIA DO BRASIL, RELIGIÕES NO BRASIL</b> .....	12
1.1	O CATOLICISMO NO BRASIL.....	12
1.2	AS ROMARIAS NO BRASIL.....	20
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DA PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM IPAUMIRIM CEARÁ</b> .....	27
<b>3</b>	<b>UM OLHAR HISTÓRICO NA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO EM IPAUMIRIM – CE</b> .....	41
3.1	SÃO SEBASTIÃO EM IPAUMIRIM – CE(ROMARIA).....	42
3.2	A MENTALIDADE DO POVO SOBRE O “CAUSO”.....	52
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	59

## INTRODUÇÃO

A religiosidade é uma característica forte do povo brasileiro que tem a capacidade de expressar diferentes formas de fé, suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental da cultura do povo.

Segundo Rodrigo Souza (2013, p.285)

No Brasil o catolicismo sempre esteve intimamente vinculado á cultura e identidade brasileira e passou por um processo de expansão e consolidação a partir da segunda metade do século XIX, com a revitalização do catolicismo na Europa, que influenciou o crescimento de novas práticas religiosas e devoções no Brasil.

Ao passar por este processo percebemos que mesmo diante das transformações ocorridas na Igreja católica, com o surgimento e desenvolvimento de outras crenças religiosas, o catolicismo permanece como característica marcante da religiosidade popular.

No Brasil a religiosidade popular é conhecida principalmente pela sua espontaneidade e principalmente por seu caráter de dedicação e de festividade, com símbolos e eventos em devoções aos santos padroeiros

São nessa praticas religiosas de devoção aos santos que o povo encontra voz, refúgio e consolo. As romarias é um momento forte de devoção, pois ali as promessas são pagas, as penitencias são feitas, os terços são rezados, a obtenção da graça é retribuída ao santo que a concedeu, assim identificamos como o povo se relaciona com o sobrenatural e como essas práticas são vivenciadas no cotidiano da população.

Segundo Certeau (2008, p.35) destaca que:

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto.

Observa-se que são as práticas comuns da religiosidade popular no caso as devoções aos santos, e das experiências particulares do povo em relação ao culto e suas vivências cotidianas que dão origem ao espaço considerado sagrados.

Diante desse exposto o trabalho tem como objetivo analisar a devoção a São Sebastião na cidade de Ipaumirim, Ceará. Caracterizando brevemente o contexto sócio histórico em que se desenvolveu essas expressões de religiosidade popular.

Esta pesquisa tem como relevância a romaria a São Sebastião, tendo em vista a escolha do tema que ocorreu em função do desafio de penetrar em um ambiente cultural pouco explorado do ponto de vista da religiosidade popular, no município de Ipaumirim. As fontes bibliográficas sobre a romaria a São Sebastião são quase inexistentes, abordar o tema é uma oportunidade de contribuir para enriquecer a literatura correlata.

Em termos metodológicos, este trabalho foi desenvolvido a partir de estudos bibliográficos que nos possibilitaram um melhor conhecimento sobre o tema. Foram utilizadas fonte como livros, artigos publicados em periódicos e de acesso livre na internet entre outros. Esse método permitiu reunir os posicionamentos mais relevantes sobre o assunto, destacamos as pesquisas do escritor Hermes Pereira Bezerra (2013), Moreira e Targino (2007) entre outros.

No primeiro capítulo abordasse alguns aspectos históricos do Catolicismo no Brasil, destacando as romarias como elemento fundamental da religiosidade popular. Já no segundo capítulo, descreve-se um breve relato da história da paróquia de Nossa Senhora da Conceição e pontuando os principais eventos da festa da padroeira da cidade. E por fim no terceiro capítulo aborda-se a devoção a São Sebastião desde sua origem e as manifestações de culto ao santo.

## 1 HISTÓRIA DO BRASIL, RELIGIÕES NO BRASIL

Neste capítulo, abordam-se os principais aspectos do catolicismo no Brasil, percorrendo o período colonial e destacando ainda movimentos religiosos de carácter popular que se desenvolveram principalmente no nordeste. São conceituadas as peregrinações e romarias, tratando-se com especial ênfase esta última, oportunidade em que são traçados alguns comentários acerca do surgimento e desenvolvimento das expressões de religiosidade em Juazeiro do Norte, Ceará.

### 1.1 O CATOLICISMO NO BRASIL

Em meados do século XIX, o catolicismo no Brasil passa por uma das maiores transformações naquela época, tanto em seu aspecto político quanto religioso. Essas transformações geraram o conflito entre a Igreja Católica e o Estado a partir do projeto de romanização, onde a Igreja Católica passa a repensar sua organização interna e sua relação com os poderes estatais (SANTOS, 2011).

Segundo Israel Silva Santos (2011, p. 04), no artigo intitulado Catolicismo: identidade e significado no Brasil do século XIX, que se propõe discutir, como o título sugere, a transformação do catolicismo no Brasil:

Este fenômeno [...] marca o início de um processo de auto identificação da Igreja como instituição independente do Estado e disposta a uniformizar crenças e ritos. A aparecer como organização que possuía uma missão divina a saber conduzir o mundo para “o caminho da verdade”, “o caminho de cristo”.

De acordo com o autor, a Igreja viu a necessidade de auto identificação a partir da uniformização das crenças e ritos.

Um dos fatores que impulsionou para que a Igreja recuperasse a sua hegemonia religiosa, foi a separação entre Igreja e Estado ocorrida logo após a Proclamação da República. Sabemos que na história da Igreja no Brasil o período Colonial e Imperial foi o recorte histórico em que o catolicismo se firmou e se consolidou em nosso País como religião oficial do Estado brasileiro.

Segundo Fabricio Roberto Costa Oliveira (2011, p. 39)

(...) A Coroa Portuguesa e a Igreja Católica tinham uma relação de cooperação fundamental para a colonização: ao Estado Português cabia dotar a Colônia de administração e desenvolver uma política de povoamento para fornecer mão-de-obra e institucionalizar as relações que se estabeleceriam entre Metrópole e Colônia. À Igreja Católica cabia legitimar o Estado, as quais ela se atribui: estar presente na vida das pessoas desde o nascimento, com o batismo, passando pela crisma, casamento, extrema-unção e enterro em cemitérios com administração eclesiástica.

Percebe-se nesse período uma forte intervenção entre as relações do Estado brasileiro e a instituição religiosa, observa-se que a hierarquia eclesiástica não possuía autonomia e sua atuação era limitada pela coroa, sendo que apenas tinha a missão de legitimar e sustentar a obra colonizadora. O catolicismo passa a enfrentar dificuldades no sentido do exercício da liberdade religiosa durante o período Imperial, gerando tensão entre o poder do Estado e o poder eclesiástico.

Segundo Riolando Azzi (1981, p. 12)

Enquanto alguns bispos assumiam como detentores de um poder Espiritual conferido pelo Papa, não obstante essa autonomia entra em contradição com o poder Temporal, no qual exigia do clero suas ações direcionadas à Coroa onde os bispos continuavam sendo indicados pelo Imperador.

Essa luta e tensão pelo poder, levaram o Estado e a Igreja a sofrerem alterações consideráveis com a Republica.

De acordo com autora Adriana Gomes (2013, p. 85)

Em 7 de janeiro de 1890, o governo provisório iniciou o processo de secularização do Estado através do Decreto 119-A, que teoricamente proibiu a intervenção da autoridade Federal e dos Estados federais em matéria religiosa e consagrou a plena liberdade de cultos, a extinção do padroado e estabeleceu outras providencias seculares.

Percebe-se que há uma libertação da Igreja em relação aos abusos cometidos pelo próprio Estado, e que por outro lado há uma preocupação com essa laicização, pois passa a existir uma restrição dos direitos e privilégios antes a ela concedidos, passando agora a possibilidade de perder fieis para outras confissões religiosas.

Segundo Marcelo Barzola Tabraj (1997, p. 579)

A separação entre Igreja e Estado, além de suprimir alguns privilégios do aparelho eclesiástico, ainda causa outra ruptura maior entre o clero e a grande massa de fieis. Essa última ruptura aparece no discurso do clero como um distanciamento entre a profissão de fé católica do povo e a doutrina eclesiástica.

É através do processo de romanização que a Igreja Católica começa a se reorganizar e se fortalecer enquanto instituição, com um único objetivo de homogeneizar seus ritos e suas crenças de acordo com as ações de Roma, tornando-se assim o centro de toda ação religiosa.

Para isso a Igreja católica via a necessidade de mudanças em seu arcabouço religioso, visava regulamentar a vida religiosa dos clérigos como também dos cristãos, com base na execução dos seus sacramentos e num conjunto de celebrações estabelecidas pela própria Igreja.

As propostas de mudanças estabelecidas pelo processo Romanizador e desenvolvidas pela Igreja católica foi vista como uma estratégia para desvalorizar o catolicismo laico e substituí-lo por novas organizações leigas voltadas para a devoção de novos santos, novas ordens litúrgicas.

Segundo Santos (2011, p. 03)

Acontecia que tradicionalmente a organização de parte significativa dos ritos católicos cabia aos leigos. Eram eles que, na prática, faziam acontecer a “religião católica”, dando, como não poderia deixar de ser, sentido à crença baseado nas suas experiências, nas suas vivências cotidianas.

Estas organizações leigas muitas vezes estavam fora das vistas do clero, já que haviam poucos padres num território tão vasto como o Brasil. As organizações leigas naquela época constituíam suas práticas, crenças e ritos baseados numa religiosidade devocional, mas particular, voltada para a devoções de santos, nos quais tem como intercessores que auxiliam na busca por uma graça, por uma cura e por um milagre (SANTOS, 2011).

Ainda de acordo com Santos (2011) uma religiosidade popular, direcionada ao convívio familiar, com características bastantes própria de cada pessoa, nas quais se atribuem a muita fé, orações. Muitas das vezes essas expressões de fé são



vivenciadas em lares de família direcionadas ao santo de sua devoção nos quais manifestam esse culto popular através dos oratórios como também nos santuários, lugares considerados sagrados para o atendimento dos pedidos de oração.

Nesse contexto, segundo Israel Silva Santos (2011, p. 07),

Os estudiosos do catolicismo popular no Brasil defendem algumas características desse modelo. Para eles esses catolicismos se apresentava como de caráter leigo, social e familiar. Leigo, pelo controle que o laicato possuía nas organizações das celebrações das festas e cultos por meio das irmandades, ordens terceiras e demais confrarias. De um catolicismo familiar, por ser muitas vezes desenvolvido no âmbito familiar inclusive com santos padroeiros. E social pela extensa rede de sociabilidade que era montada em torno das diversas confrarias para socorro mútuo dos irmãos.

Este tipo de catolicismo faz parte da cultura de um povo onde desempenhava suas práticas religiosas sem nenhuma ligação direta com a Igreja, eram organizações independentes e ao mesmo tempo consideravam autônomas aos olhos dos poderes episcopais, mantendo assim um distanciamento das propostas requeridas pelo modelo do projeto da romanização (SANTOS, 2011).

Assim, podemos perceber o distanciamento da Igreja em relação a esse tipo de catolicismo popular, por não desempenhar as mesmas práticas religiosas adotadas por seus ensinamentos não se tinham tanto interesses, mas com o aumento dessas ações populares a Igreja percebeu a necessidade de tomar frente a esse modelo de cultura popular refletindo sobre o ponto de torna-la uma religião centralizada sobre os caminhos de uma Igreja que tem suas ações voltadas a uniformização.

Nesta perspectiva, observamos os conflitos que geraram em relação as ideias pretendidas pelas instituições católicas, em tornar homogêneo a cultura popular aos princípios religiosos. Essa ideia veio a se formar mediante a proposta de reformar as instituições religiosas que vinham ganhando mais adeptos por um devocionário popular, que propagavam suas práticas, crenças baseadas numa cultura que tem como princípio suas próprias particularidades em cultuar os santos de sua devoção.

Particularidade essa que mexe muito com os valores adotados e defendidos pelas instituições católicas, em não aceitar esse tipo de cultura popular que muitas das vezes pode ser vista de modo apreensivo por desenvolver suas crenças em que

realmente acreditam e ao mesmo tempo ser tão repreensivo por não se fazer parte das ações praticadas e desenvolvidas pela igreja católica, gerando assim uma relação de conflito entre ambas culturas.

Conflito esse, segundo expressa Moniz (2001), que pode ser apresentado através de um movimento mais discutido durante o século XIX e que se torna o exemplo de manifestação que contraria todo o projeto de reformulação proposta pelo clero: é a guerra de Canudos, no qual se torna uma espécie de abrigo do catolicismo popular e que demonstra bem esse conflito religioso, tendo como protagonista desse cenário religioso Antônio Conselheiro, considerado um grande propulsor da cultura popular.

Ainda segundo Moniz (2001, p. 26),

Antônio conselheiro não poderia desempenhar o papel que desempenhou se não conhecesse profundamente o sertão e a população sertaneja. A “vinda andeja” - esta ida de um lado para outro - constituía um paciente aprendizado, dando-lhe o conhecimento indispensável a sua pregação religiosa e social.

As suas idas e vindas pelo sertão nordestino fizeram de Antônio Conselheiro um grande líder das massas populares. Como afirma Facó (1988, p. 85), tratavam de explicar sua enorme popularidade entre as massas pobre do campo por dois motivos principais: o atraso das populações rurais e os supostos milagres em que acreditavam os seguidores seus.

No entanto fatores devem ser considerados durante esse período de ascensão desse misticismo religioso entre a religiosidade popular e a Igreja dominante daquela época. Pois o atraso das populações rurais se deve a fatores de ordem econômicas e sociais que estavam acontecendo no país. De certa forma abalaram com as estruturas das massas populares, que estavam vivenciando o caos, com a falta de terras para trabalhar, a seca, a miséria e a falta de recursos. Tantos foram os problemas que só através da fé que se tinha força para continuar lutando por dias melhores.

Segundo Facó (1988, p. 42),

O meio natural era tremendamente hostil ao homem pobre, com as secas periódicas e suas calamidades, não dispondo ele de recursos

para livrar-se delas. O meio social o esmagava: o grande proprietário rural todo poderoso decidia do seu destino terrestre. Mas a própria condição humana conservava a esperança num futuro de felicidade e bem-estar.

Diante dessa situação a população pobre passou a criar de forma natural seus próprios conceitos de vida, desenvolvendo uma religião própria que lhe assegurava a crença em uma vida melhor, crença essa que foi depositada na pessoa de Antônio conselheiro, que passa então a adotar métodos e ações visíveis que a princípio vão sendo hostilizadas pela Igreja dominante.

Em uma de suas intervenções, queimou os editais de cobrança de impostos, começando assim a incentivar o povo contra a tributação estatal onerosa para os mais desvalidos. Apesar desta ação “populista” o que levou Conselheiro ao braço do povo foram suas pregações, nas quais anunciava não só o fim do mundo como também dias melhores, adquirindo assim milhares de seguidores. Pois, para aquela população desesperada, ele era a voz que soava a esperança de um povo, tendo como fonte de inspiração os evangelhos.

Por manter sua religiosidade fiel aos princípios do catolicismo popular, gerou uma grande transformação no imaginário das pessoas, partindo da ideia que só através da fé teriam o apoio e carisma junto a eles, pois o mesmo tinha a capacidade de unir a todos através de suas pregações. Fé esta que conduzia a muitas pessoas a acompanhar seus atos de peregrinação que sempre foram acompanhados de um oratório contendo a imagem de Jesus, em suas andanças pelos vilarejos sempre penduravam num galho de árvore e começavam a rezar era assim que conselheiro adentrava nos povoados, intensificando o catolicismo popular no sertão nordestino (Moniz, 2001).

Como peregrino atraía a todos com suas pregações que enaltecia a vinda do reino celestial e tinha como missão a construção de capelas e a restauração de Igreja que se dizia indispensáveis para a salvação de todos. No decorrer do tempo à medida que crescia sua influência, aumentavam o número de pessoas que começaram a segui-lo e a cumprir seus ensinamentos. Essas práticas passaram a constituir no seio da Igreja um grande incômodo, passando a ser expressamente desaprovadas por muitos sacerdotes, nos quais atribuíam ser só de direito da Igreja,

sentindo assim sua autoridade ameaçada passando a exigir providencias das autoridades mediante a esse fato.

Segundo Moniz (2001, p. 34),

O caso chegou ao arcebispo da Bahia que tomou posição contra ele. Na circular de 16 de fevereiro de 1882 a todos os párocos, D. Luiz Antônio Santos, tomando conhecimento da existência de um indivíduo chamado Antônio Conselheiro a quem se atribuía “uma moral excessivamente rígida” e vinha pregando ao povo “doutrinas supersticiosas”, perturbando os paroquianos de se reunirem para ouvir tais pregações. Somente à igreja Católica, por intermédio de seus párocos, competia a missão de doutrinar o povo. Um secular ainda que “muito instruído e virtuoso” não tinha “autoridade para exercê-la.”

Várias foram as ações adotadas pela hierarquia católica que reprimiam este tipo de doutrina adotada pelo conselheiro e seus seguidores, nos quais visavam calar sua voz, mas muitos de seus recursos não foram alto suficientes para disseminar este tipo de cultura que a cada dia ia aumentando, suas pregações despertam um grande fascínio nas massas populares por considerá-lo como salvador de um povo que almejava uma vida melhor, através da tão sonhada terra prometida chamada Canudos.

Podemos perceber que esta ação gerou um grande incômodo entre a Igreja dominante, pois viam na pessoa de Antônio conselheiro um louco, místico que conseguiu aos poucos fazer uma grande revolução no sertão da Bahia, através de suas práticas religiosas que se tornou o grande catalizador de todo esse confronto religioso que os poucos foram sendo hostilizados pela Igreja dominante que passa a desempenha, assim o papel de polícia ideológica no meio rural, antecipando-se as forças repressiva.

Segundo Facó (1988), o primeiro caso de repressão contra o conselheiro e seus seguidores partiu da Igreja que através do arcebispo da Bahia ao enviar um documento alertando os vigários contra a conduta do conselheiro que estaria a perturbar e ao mesmo tempo tentando enfraquecer as autoridades daquele lugar, ficando assim proibido que os paroquianos se reunisse para ouvir as suas orações.

Portanto essa não foi a única ação dotada contra o conselheiro, a Igreja sentiu a necessidade de enviar para canudos uma missão religiosa que tinha como finalidade tentar pôr um fim aquela aglomeração que já estava bem numerosa.

Conforme Moniz (2001) foi em 1895 quando D. Jerônimo envia para canudos dois frades Italiano numa missão que tinha como objetivo fazer com que Antônio Conselheiro conduzisse aquela gente para as diretrizes da Igreja. Foram enviados supostamente em uma missão nos quais promoviam os batizados, confessavam, etc., em suas pregações tiveram como propósito aconselhar a todos que viviam lá para deixarem Canudos e voltassem a sua terra, objetivando assim acabar com a comunidade de canudos.

Percebemos assim que o real interesse da Igreja era de pôr um fim sobre tudo o que estava relacionado a produção religiosa leiga que durante séculos marcou profundamente o catolicismo do povo rural brasileiro. Suas práticas religiosas eram consideradas supersticiosas, pois a Igreja tinha como convicção ser a única administradora da verdade divina.

Segundo Mesquida e Klenk, Henrique (p. 05),

Para o Clero, tais movimentos eram fruto de um fanatismo religioso condenável sob todos os aspectos e que deveria ser combatido através de um intenso esforço de doutrinação e de um processo de educação do povo. Assim, para os novos agentes pastorais católicos, combater o catolicismo luso-brasileiro era combater a ignorância religiosa responsável pelo enfraquecimento da Igreja.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Mesquida e Klenk, Israel Silva em seu artigo: Um novo modelo para o catolicismo Instituições laicas romanizadas na Bahia (1890-1930), (p. 114, 2006) também reforçar essa ideia ao comenta que:

Que a Igreja Católica foi uma instituição extremamente preocupada em manter o controle sobre o laicato, tanto no que diz respeito às suas crenças, isto é, aos dogmas da religião católica, como também as formas de expressão dessa religiosidade.

Dessa forma que a Igreja buscou retornar as suas origens, buscava mais disciplina efetiva com o clero, e maior organização em suas bases internas.

Segundo Israel Silva (p. 4, 2009),

A Igreja procurou incentivar novas modalidades de associação, mais próxima dos parâmetros requeridos pela romanização. Essas

instituições, como não podia deixar de ser, já nasciam sob a direção direta de membros do clero e a participação nessas instituições variava conforme a função de cada uma delas.

Para o autor as tradicionais organizações, como as irmandades e as confrarias dirigidas pelo laicato não cabia mais no modelo pretendido pela Igreja.

De acordo com o autor (p. 4, 2009)

As irmandades e ordens terceiras até poderiam ser formadas, mas “deveriam ser chamadas ao seu verdadeiro fim e postas em inteira sujeição ao Ordinário da Diocese em que se achavam” Que deveriam sempre se formar “sob a direção segura e salutar do Ordinário”.

Segundo a autora Danielle Ventura Bandeira Lima (2012, p. 5),

Assim tivemos uma adaptação do catolicismo á realidade daquelas pessoas que desconheciam o dogma da Igreja e que conseguia captar apenas o que era mais perceptível e que estava mais próximo da sua realidade, ou seja, ás imagens da Igreja que traziam consigo soluções para os seus problemas.

## 1.2 AS ROMARIAS NO BRASIL

No Brasil as romarias se apresentam como um dos maiores fenômenos religioso, que expressam a fé e a cultura das classes populares, sendo a nação de maior população católica, o Brasil conta com uma grande diversidade de santuários, seja eles localizados em várias partes do país como em povoados pequenos e distantes ou até mesmo em lugares mais conhecidos e visitados pelos romeiros nos quais vivenciam sua fé nesses espaços considerados sagrados.

Segundo Geová Mota (2008, p. 24). Em seu artigo intitulado: O fenômeno religioso da romaria sob a perspectiva da fé cristã. A romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa enfatiza que:

(...) a romaria é, sobretudo, um fenômeno religioso. São motivações religiosas que dão sentido às peregrinações. São crenças populares que incentivam o deslocamento de multidões de pessoas, que saem de suas casas para rezar e agradecer a Deus. O universo dos

romeiros é religioso. Seu vocabulário, seu léxico em geral, nasce da fonte da fé e encontra sentido na experiência popular religiosa. Palavras como promessa, voto, terço, celebração, rito, símbolo são o norte do diálogo incessante dos romeiros, que, viajando dias a fio, não se cansam de partilhar a experiência de fé.

Segundo o autor a romaria faz parte do processo da manifestação da fé das pessoas aos lugares considerados sagrados por meio da oração e da devoção.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Geová Mota (2008) Ana Helena S. Delfino Duarte (2010, p. 2) também reforçar essa ideia ao comenta que:

Os romeiros partem do pré-suposto que as divindades aparecem e exercem sobre o lugar da aparição ou de fatos tidos como misteriosos, poderes e benefícios. Com essa motivação de fé e buscas espirituais, os devotos vão para esses locais, enfrentam os embates de distâncias extremadas, considerando que esses trajetos muita das vezes são percorridos a pé. Em viagens individuais ou em grupos, seguem os romeiros, criando e re-criando modos de caminhar. Nas romarias (feitas a pé) o corpo exposto à fome, à sede, ao cansaço, às dores e a tantas outras tormentas.

Nesse sentido entendemos que a romaria atribuída como fenômeno religioso, tem como característica o sentido da fé, a busca incessante pelas divindades aos locais sagrados com o único objetivo de interceder junto a Deus por soluções para seus problemas tanto espirituais como matérias.

Essa prática da romaria tem seus primórdios desde do Brasil colonial, com o surgimento do catolicismo popular atribuído aos leigos que vivenciavam suas crenças, aos santos de sua devoção, o culto doméstico, a criação de capelas e logo a criação dos santuários, onde o povo expressam sua fé.

Segundo Wilma Santos de Santana Souza (2010, p. 07),

Essa prática de cultuar os santos, traço marcante do catolicismo popular, sempre simbolizou o dinamismo da religiosidade brasileira, principalmente de caráter leigo, seja num pequeno oratório familiar até os mais famosos santuários. Isso porque os santos sempre tiveram lugar de destaque no cotidiano do povo brasileiro, caracterizando o catolicismo brasileiro durante muito tempo como um catolicismo de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”.

Segundo a autora essas ações sempre foram caracterizadas pela liberdade de expressar suas crenças, revelando a vontade de um povo de transcender o calor da devoção para se alcançar o real sentido da verdadeira fé.

Crenças essas que eram praticadas fora das vistas da Igreja católica, não sendo uma forma adequada aos olhos da instituição religiosa, pois suas práticas não condiziam com os dogmas oficiais imposto pelas autoridades eclesiásticas, que viam na devoção popular um grande empecilho por praticarem suas crenças fora dos ensinamentos religiosos.

Segundo a autora Adriana Weege (2008, p. 76),

Para o clero essa forma popular de viver o catolicismo era uma negação do catolicismo romano advindo do Concílio Vaticano I<sup>1</sup>. Essa forma negativa de encarar a religião “popular” foi agravada pelos movimentos messiânicos, encarados como “fanatismo religioso” advindo da “ignorância” das verdades de fé e devia ser combatido com um trabalho massivo de doutrinação.

Podemos perceber que a partir dessa situação as devoções populares no Brasil foram sendo moldadas aos dogmas da Igreja Católica, pelo processo de romanização no século XIX, as autoridades eclesiásticas passam a tomar conta desse ato religioso orientando as práticas do sacramento e a sua obediência, visando com essa reforma uma maior atuação dos clérigos, como também a renovação da vida cristã, tornando assim o centro de toda ação religiosa.

Com as mudanças ocorridas no período da romanização, é importante salientar que ao longo dos tempos a Igreja passa a ser, mas complacente em relação ao catolicismo popular aderindo as suas devoções, pois são costumes passados de geração a geração, como as romarias que apresentam uma forte vivência religiosa entre o povo e o santo de sua devoção, sua história é tão antiga que mesmo com tantas transformações vividas ao longo dos tempos se faz viva como um grande fenômeno religioso no seio da Igreja.

Segundo Mota Geová (2008, p. 14),

---

<sup>1</sup> O Concílio Vaticano I tratou-se, portanto, de um movimento da Igreja com vistas à centralização do catolicismo no mundo, a reafirmação daquilo que já havia sido traçado no Concílio de Trento, sendo assim, uma reação aos paradigmas modernos, bem como, de certo modo, um projeto que se esforçou em combater o catolicismo popular, fortemente presente no Brasil de fins do século XIX, o qual ainda resiste nos dias atuais. Uma Igreja Clerical: A Diocese de Limoeiro do Norte e o Catolicismo Romanizado. Olivia Bruna de Lima Nunes, (2014, p. 06)



A romaria representa um acontecimento sócio-religioso no seio da Igreja. Um grande número de pessoas espera a data específica das festas que acontecem nesses centros religiosos, para manifestar sua fé. Pode ser desde um gigantesco santuário como também uma pequenina capela. Não importa o lugar, desde que ele tenha um diferencial que conduza ao êxtase da devoção. O que importa é ir ao lugar certo, isto é, local de oração, templo, santuário para fazer sua prece e seu louvor, ainda que isto custe muito sacrifício e dias de viagem. Assim, as romarias, na sua maioria, são caracterizadas por longas e penosas viagens, quase sempre em grupo, acompanhada de muitos cantos, orações, meditações. Para o romeiro tudo isso é uma forma de expressar sua verdadeira devoção.

Segundo a mesma linha de pensamento de Geová Mota, Maria Araújo (2009, p. 58) comenta que:

As romarias brasileiras representam esse forte momento do encontro do fiel com o santo. Ele é ainda um fenômeno tanto clerical quanto social pois fornece elementos para a compreensão das transformações que ocorrem na vida do povo, no cotidiano de sua história e em sua relação religiosa.

Percebesse nas romarias a junção do antigo ao moderno, as ações realizadas pelos padres ao movimento tradicional dos devotos (MOTA, 2008, p. 26). Essa junção manteve quando a Igreja através de um padre ou religioso, toma conhecimento do fato e, dependendo da situação, oficializa o culto [...] dando ao local a característica de santuário lugar sagrado (2008, p. 21).

Segundo Araújo (2009, p. 51):

As romarias católicas se concentram tanto em locais celebres (oficialmente reconhecidos) como Roma, Lourdes, Aparecida, quanto em centros de devoção mais populares, como os santuários do padre Cicero Romão em Juazeiro e Bom Jesus de Iguape em São Paulo. A necessidade religiosa tornou-se tão fundamentais que hoje a Igreja Católica até incentiva sua prática.

Segunda a autora as romarias estão sempre ligadas ao local sagrado por um vínculo com os santos de sua devoção, isso por estarem ligados a fatos extraordinários. Segundo ela geralmente são as imagens encontradas em rios ou

enterradas. Pois para o povo essas imagens se tornam um diferencial por se apresentar milagrosa em relação as demais.

A partir dessas descobertas que se origina no Brasil as romarias com tais característica no caso da romaria ao santuário de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo, um dos maiores santuários do país, segunda a autora sua origem se deu em 1717, onde dois pescadores encontraram a imagem da santa nas águas do rio Paraíba. A partir daí se deu vários relatos de milagres em torno da imagem.

Na região do Nordeste apresenta-se a romaria que leva multidões ao encontro de padre Cicero, considerado pelo povo como santo, destaca-se o milagre da hóstia a Beata Maria de Araújo na qual tinha se transformando em sangue.

Segundo Ilmário de Souza Pinheiro (2009, p. 05) em seu artigo: O Fenômeno da Romaria de Juazeiro do Norte: Implicações Sociais e Religiosas comenta que:

Em uma manhã de sexta-feira, 1 de março de 1889, após uma vigília de Oração, Pe. Cicero decide distribuir a comunhão para as beatas (uma sociedade de piedosas mulheres, fundadas pelo Pé Ibiapina que se dispuseram a praticar Conselhos evangélicos de castidades, pobreza e obediência. As “Beatas” do Pe. Cicero continuavam a tradição de Ibiapina) a fim de despedi-los em seguida. No entanto, o jovem sacerdote foi surpreendido pela Beata Maria de Araújo, que apresentava sangramento na boca, segundo ela no qual havia se convertido à hóstia consagrada. Ele teve cuidado de preservar o sangue, enxugando-o com uma toalha.

De acordo com o autor este fato torna-se a pedra fundamental para construção de uma das maiores romarias populares do Nordeste.

Para o autor Rogerio Luiz de Souza (2005, p. 03) em seu artigo: As Representações Imaginárias do “Milagre em Joazeiro” descreve que:

Este milagre da transformação da hóstia consagrada por Pe. Cicero em sangue de Cristo vi caracterizar a base imaginária da população devota. O sangue representaria o segundo sacrifício (redenção) de Cristo a humanidade, assemelhando-se ao próprio sofrimento do povo nordestino.

Percebe-se que através do milagre dá-se início a peregrinação ao povoado, pois as pessoas queriam ver a beata e adorar os panos manchados de sangue.

Segundo o autor Ilmário Pinheiro (2009, p. 06)

Como dissemos Pe. Cicero não comunicou a Dom Joaquim, então bipo de Fortaleza, qualquer ocorrência de milagre e sua capela. O mesmo teve conhecimento através da repercussão, para ser mais preciso, em matéria publicada no jornal da capital. O bispo pediu explicações do Pe. Cicero, o qual afirmou crer no milagre, baseado também em visões, nos quais o Cristo lhe explicava o milagre e sua intenção: dar uma nova chance para a remissão dos pecados.

Nesse sentido entendemos que ação adotada por Padre Cicero em não comunicar a Igreja sobre o milagre geraria um confronto religioso. Pois para Pe. Cicero houve sim o milagre e já para Igreja não se tinha nenhuma comprovação sobre o ocorrido.

Segundo o autor este fato passou a ser condenado pela Igreja como fenômeno vão supersticioso, o fato foi silenciado por obediência e decisão romana sendo considerado um movimento de fanatismo.

Havia esforços para combater o acontecido em Juazeiro, como se o lugar fosse um antro de fanatismo, que depunha contra a pureza da religião Católica no Ceará.

Segundo o autor Francisco Sales (2016, p. 92)

Padre Cicero Romão Batista, visto naquela época como obstáculo à reestruturação e ao desempenho da Igreja em sintonia com seus novos objetivos na era republicana. A hierarquia comportava-se com firmeza para alterar os padrões de conduta frente ao fanatismo, que entrava em choque com as diretrizes assentadas para dar curso ao processo de romanização.

Essa ação não calaria os romeiros que tinha a convicção numa arte de viver e expressar sua fé, fortificando assim, a sua fidelidade a Padre Cicero, os romeiros continuaram acreditando no milagre e visitar Pe. Cicero, mesmo com restrição imposta ao suposto milagre.

Segundo o autor Francisco Sales Cartaxo Rolim (p. 84-85, 2016)

Desde o seu início, essa polemica gerou forte contradição entre, de um lado, os romeiros, os fiéis seguidores do padre Cicero e, do outro, a hierarquia eclesiástica. Contradição que remonta ao final do século

XIX, quando padre Cicero foi suspenso da prática de muitos dos atos inerentes a suas funções sacerdotais, chegando a ser excomungado. Ao longo de mais de 120 anos, aquele embate permanece na comunidade católica apostólica romana, de certa maneira, sob a indiferença dos romeiros, que seguem firmes em sua crença da santidade de padre Cicero. Disso não abrem mão. Talvez seja essa fé- simples, intuitiva, impregnada na cultura religiosa do povo-uma das mais expressivas fontes indutoras da mudança na disposição da cúpula da Igreja, hoje pública, notória e oficial, de rever a deliberação punitiva adotada no final do século XIX. Atravessando muitas oscilações, a luta pela reabilitação do padre Cicero ganhou amplitude e profundidade neste século, com a recorrência a novas estratégias, e obtendo sucesso só agora sob o papado do argentino Francisco.

## **2 A HISTÓRIA DA PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM IPAUMIRIM – CEARÁ**

A princípio, a ocupação e desenvolvimento da região onde se estabeleceria o Município de Ipaumirim esteve ligado principalmente à forte religiosidade dos primeiros habitantes, uma vez que a primeira capela construída e as benfeitorias que foram realizadas por religiosos, assim como eventos católicos, beneficiaram a todos e proporcionaram o crescimento da população, conseqüentemente impulsionando o desenvolvimento local.

O presente capítulo ressalta os principais aspectos históricos da paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Ipaumirim-CE, abrangendo os primórdios da formação do Município, a importância da religião nesse processo, ao mesmo tempo em que são destacados alguns pontos relevantes do surgimento de comunidades sob influência da religiosidade, as primeiras construções realizadas com base em técnicas primitivas, oportunidade em que são apresentadas algumas imagens do Município.

Contudo, a construção deste capítulo foi permeada por algumas dificuldades, em especial a escassez de fontes bibliográficas para referenciar alguns relatos históricos que foram desenvolvidos, o que ressalta a relevância do presente trabalho que, oportunamente, busca incrementar a literatura acadêmica acerca do tema. Nesse sentido, o livro de Hermes Pereira (2013) foi a fonte mais relevante tomada como embasamento no presente trabalho, por abordar aspectos gerais da história do município, sobretudo os aspectos religiosos.

Antigamente, segundo menciona Bezerra (2013), a organização do espaço da maioria das cidades se dava sempre em torno de uma capela que tinha seu lugar de destaque, geralmente eram erguidas ao centro de cada povoamento pelos moradores nos quais passam a construir ao seu redor suas próprias casas, logo formando assim pequenas comunidades.

Sabe-se que, de acordo com Formiga (2015, p. 24 e seguintes), historicamente, a sociedade se organizou e construiu comunidades a partir de anseios e objetivos comuns de seus membros, de modo a constituir uma espécie de identidade que muitas vezes é mantida, mesmo em meio a diversas influências e processos dominantes. De um modo geral, a humanidade se originou a partir de comunidades primitivas, passando pela escravidão, passando por diversos estágios

e transformações que, sucessivamente, deram origem a outras comunidades. Na antiguidade, a relação de parentesco era a base principal para a construção de uma comunidade, além do fator geográfico, ou seja, aqueles indivíduos ou famílias que residem em uma mesma localidade.

Contudo, existem diversos fatores preponderantes na formação de comunidades. A fim de construir um breve relato sobre esse assunto, é interessante analisar a ocupação do território paraibano, especialmente do sertão, onde, segundo Mello (2002, p. 256) povoamentos tiveram início a partir da instalação de fazendas para criação de gado por colonos que tomaram posse de ribeiras, antes pertencentes a grupos indígenas que acabaram sendo expulsos para o Ceará. Considera-se que a economia sertaneja também valorizou as comunidades que se formaram nas proximidades da serra da Borborema, com base na sequência, bandeira-curral-fazenda-arraial.

De acordo com este autor, o avanço de colonos pelo interior do território paraibano, por vezes, à custa de verdadeiros massacres de grupos indígenas, proporcionou a formação de povoamentos que, a princípio, giravam em torno de atividades agropecuárias. Nesse sentido, segundo destaca Mello (2002, p. 260),

As vicissitudes dessa e(in)volução significariam a valorização do principal elemento com que conta a Paraíba para cumprimento de sua missão histórica – o povo paraibano, sempre como o brasileiro, maior que suas elites dirigentes. Agrupado, principalmente nas comunidades, fazendas e estradas do interior, esse povo, não português ou branco, como proclamado pelo preconceito, mas índio, negro, mestiço, curiboca, mameluco, plasmou a chamada cultura popular, derivada da apropriação da natureza pelo homem.

As comunidades das quais falam Mello (2002) e Formiga (2015) constituem uma área de coesão social, em que agricultores – de compartilham conhecimentos e buscam a subsistência familiar. É preciso destacar que estes grupos são no geral constituídos por pequenos agrupamentos familiares dependentes da agricultura familiar de subsistência.

Com relação ao campo, onde essas atividades eram desenvolvidas, entende-se que esse espaço abriga não apenas a existência física das pessoas, mas também as construções culturais, conforme é possível depreender em Silva e Mendes (2010, p. 19):

O campo como território significa abranger como o espaço da vida, ou como o espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana. É no território que acontecem todas as relações sociais com os agricultores como a educação, cultura, infraestrutura, produção, organização, política, mercado e outros ocorrendo sempre de forma interativa e completa.

Dessa forma, o território não compreende apenas um local em que habita a sociedade, mas como território cultural, que abriga também uma determinada parcela de identidade.

No território paraibano, de acordo com Moreira e Targino (2007, p. 78 e seguintes) até início do século XIX, as unidades políticas de referência eram as vilas, que possuíam organização e atribuições diferentes do município. A cana-de-açúcar e a criação de gado eram as principais atividades que, inclusive, proporcionaram o processo de ocupação, conforme mencionado anteriormente. O cultivo da cana esteve restrito, a princípio, às várzeas dos rios Camaratuba, Paraíba, Miriri e Gramame, enquanto a criação de gado se concentrou no sertão, mesmo que eventualmente encontrada no litoral, de maneira associada à produção de açúcar.

De acordo com Moreira e Targino (2003, p. 84), merece destaque a região do Brejo Paraibano, cuja ocupação e desenvolvimento se deu principalmente a partir do abastecimento de alimentos, uma vez que havia tanto a pecuária como atividade policultora, abrangendo a produção de farinha de mandioca, milho e rapadura, atividades que foram se desenvolvendo a partir da concessão de sesmarias e com a expansão do algodão, permitindo dessa forma, o surgimento de povoados que originaram as primeiras vilas e, conseqüentemente, proporcionaram o posterior surgimento das cidades.

Ainda conforme os autores (MOREIRA; TARGINO, 2003, p. 85-86), a Vila de Filipéia de Nossa Senhora das Neves foi a primeira, criada em 1585 e que marcou o que viria a se tornar o município de João Pessoa. O município de Mamanguape foi o segundo criado, em 1635, a partir do qual se estendeu uma frente de ocupação partindo do litoral norte em direção ao interior. Os municípios subsequentes foram Piancó, criado em 1739; Pombal, em 1766; Areia, com data de fundação em 1815. Cada um desses municípios foram desmembrados em outros territórios municipais.

Portanto, de acordo com os autores supracitados (MOREIRA; TARGINO, 2003; 2007), percebe-se que a evolução político-administrativa foi lenta e dispersa,

sendo que o início do processo de ocupação se deu a partir da concessão de sesmarias que culminou com a presença de colonizadores em praticamente todo o território paraibano. Os núcleos de povoamento foram se formando, mas a autonomia política só ocorreu bastante tempo após a ocupação, visto que a posse do território permaneceu durante muito tempo com os sesmeiros.

Já no Ceará, a exemplo do processo de conquista empreendido em todo o Brasil pelos portugueses, a partir do sistema de capitanias hereditárias, também ocorreram diversos conflitos e inclusive o genocídio e etnocídio da população indígena. Segundo destacam os autores Assis e Sampaio (2012, p. 140), a formação territorial do Ceará teve como principal vínculo político, cultural e econômico, as províncias da Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e principalmente de Pernambuco, sendo esta última considerada “o centro açucareiro-econômico, político, escravista e intelectual da região, aparecendo na hierarquia das províncias do norte, denominadas Norte Agrário [...]”.

De acordo com Jucá Neto (2012, p. 134), a princípio o território cearense não se apresentou favorável à fixação de conquistadores, de forma que a conquista ocorreu de maneira violenta, devido ao medo da resistência indígena e adversidade do clima da região. Somente após ultrapassadas essas dificuldades, as primeiras fazendas foram construídas e as primeiras famílias se estabeleceram no sertão.

Segundo esse mesmo autor (JUCÁ NETO, 2012, p. 134),

Já na primeira metade do século XVIII, a fazenda de gado dispersa no sertão sediou o povoamento. Foi a sede das sesmarias, da unidade familiar, da atividade produtiva e também onde se encontraram as condições propícias para os primeiros sinais de acumulação de renda no sertão. Além disso, foi sede da vida política local, de toda autarquia sertaneja e suas famílias, com poderes quase que absolutos, e da rede de mandos e desmandos que pautou a organização territorial. [...] Em seu espaço, presenciou-se o processo de miscigenação e aculturação entre índios e brancos, de fundamental importância para a formação da sociedade cearense.

Contudo, Oliveira e Abreu (2010, p. 246) acrescentam que a ocupação histórica do território cearense, concentrando-se no litoral e priorizando as obras de infraestrutura urbana, buscando atender às necessidades de produção, não evitaram os problemas das pressões demográficas nas cidades, impactos ambientais e desequilíbrios regionais.



Conforme Jucá Neto (2002, p. 143), as vilas de brancos que haviam sido fundadas até o início do século XIX, a exceção de Aquiraz e Fortaleza, estavam localizadas geralmente em pontos estratégicos para a produção e circulação da atividade pecuária, sendo geralmente assentadas em cruzamentos de estradas das boiadas e na foz dos principais rios, o Jaguaribe, Acaraú e Coreaú, confirmando o interesse dos portugueses pela atividade pecuária.

É interessante notar ainda que, conforme ressalta Almeida (2011, p. 58-63), no interior do território cearense, na região do Cariri, o notável desenvolvimento que se observou, especialmente em Juazeiro do Norte, teve entre outras influências a religiosidade, em torno do Padre Cícero Romão Batista, considerado Santo pela população sertaneja. A partir das crenças religiosas e manifestações, as práticas populares do catolicismo, como a justiça, fraternidade e solidariedade, influenciaram profundamente os líderes locais no desenvolvimento de Juazeiro do Norte e região.

Trazendo todas essas considerações acerca da formação de comunidades no território paraibano e cearense para o tema abordado no presente trabalho, dentre os fatores que influenciam a origem dos núcleos de povoamento, tem-se aqueles de ordem cultural, assim como a religiosidade, tradições e costumes, com destaque para o exemplo supracitado da região do cariri, no Estado do Ceará.

Sabe-se que a religião sempre influenciou demasiadamente a vida das pessoas, sendo que os preceitos religiosos estão intimamente ligados às condutas, procedimentos, emoções e anseios da maioria das pessoas (AGUIAR; LIMA; SANTOS, 2011). Desde os primórdios do desenvolvimento do Município de Ipaumirim essa tendência pôde ser verificada, uma vez que a paróquia Nossa Senhora da Conceição teve sua origem quando o município ainda era denominado Alagoinha e pertencia à freguesia de São Vicente Férrer, atualmente cidade de Lavras da Mangabeira.

Além disso, é importante destacar a relevância dos antigos coronéis para o desenvolvimento de povoados e cidades interioranas, o que pode ser percebido em um trecho no qual Bezerra (2013, p. 37) aponta a importante contribuição do coronel João Augusto Lima para a formação e desenvolvimento de Ipaumirim quando ainda se chamava Alagoinha e era distrito de Baixo:

Alguns anos depois chega à Alagoinha, em 1919, o senhor coronel João Augusto Lima, mudando-se para o povoado e aqui tendo

construído a sua residência onde foi edificado, há poucos anos, o prédio onde funcionou o Banco do Brasil e atualmente sedia a Prefeitura Municipal. Homem de bons negócios, mandou cortar e brocar uma grande mata para a construção do mercado público. Quando o mesmo veio a funcionar, o coronel teve o seu comércio localizado numa das esquinas, cuja loja denominava-se “Casa da Aliança” enquanto os demais quartos serviam de comércio para cafés, lojas, mercearias, etc.

Contudo, foi a religião que frequentemente influenciou a formação de diversos povoados, os quais posteriormente deram origem a importantes centros urbanos, exemplo da cidade cearense de Juazeiro do Norte, que teve início a partir da construção da primeira capela, em razão da instalação do Padre Cícero Romão Batista na região, em torno do qual passaram a se aglomerar cada vez mais famílias vindas de várias regiões nordestinas.

Relativamente à denominação do Município que viria a se tornar oficialmente “Ipaumirim”, mas inicialmente denominado “Alagoinha”, segundo Hermes Pereira Bezerra (2013, p. 35)

A origem provável do nome seria porque o sítio se desenvolveu entre os principais riachos e lagoas do lugar, batizados de Riacho da Pendencia, Riacho do Serrote e Riacho da Bananeira. Com a abundância das águas dos riachos, formavam-se várias lagoas, fazendo com que os moradores da época chamassem o lugar de “Lagoinha ou Alagoinha”.

Um dos principais contribuintes para a construção da história de Ipaumirim e da Paroquia de Nossa Senhora da Conceição, foi a família Ferreira do Bonfim, sendo a primeira família a habitar o Sítio Alagoinha. Através dessa família se tem registro de como se desencadeou a devoção a Nossa Senhora da Conceição.

Segundo o autor em 1836 a senhora Rosalina Maria da Conceição viúva do senhor Bernardino Ferreira do Bonfim, foi quem doou uma parte de terra para que fosse construída a primeira capela de Nossa Senhora da Conceição. Sabe-se que no início do povoamento de Alagoinha havia somente duas ruas: a da Sombra e a rua do Sol.

Conforme Bezerra (2013, p. 63)

A primeira capelinha era feita de taipa, localizada na antiga Rua do Sol. Desmembrada da freguesia de São Vicente Ferrer, Lavras, a data de sua construção é desconhecida, sabendo-se que já existia no ano 1875, quando passou a compor o território da paróquia de Umari.

De acordo com Xaxá (2013), a taipa é uma construção comum na região nordestina aproveitando os galhos secos e o barro prensado. É interessante notar que a terra foi muito utilizada em diversas construções humanas e pode ser considerada a matéria prima mais abundante do planeta, possuindo excelente potencial para a construção. Antigamente, percebiam-se como algumas das principais vantagens em utilizar a terra, o fato de não haver dispêndio relevante de energia para a transformação dessa matéria prima, além de ser reutilizável e estar amplamente disponível.

A terra umedecida dá origem ao barro, que pode ser moldado e utilizado para criar as estruturas necessárias a uma construção. As paredes podem ser erguidas em uma única etapa, ou através de elementos constitutivos, como blocos, tijolos ou painéis. A terra crua, utilizada na construção das casas de taipa, necessitam unicamente da energia mecânica humana para a moldagem. Dessa forma, a terra pode ser utilizada por famílias de menor poder econômico para a construção de moradias.

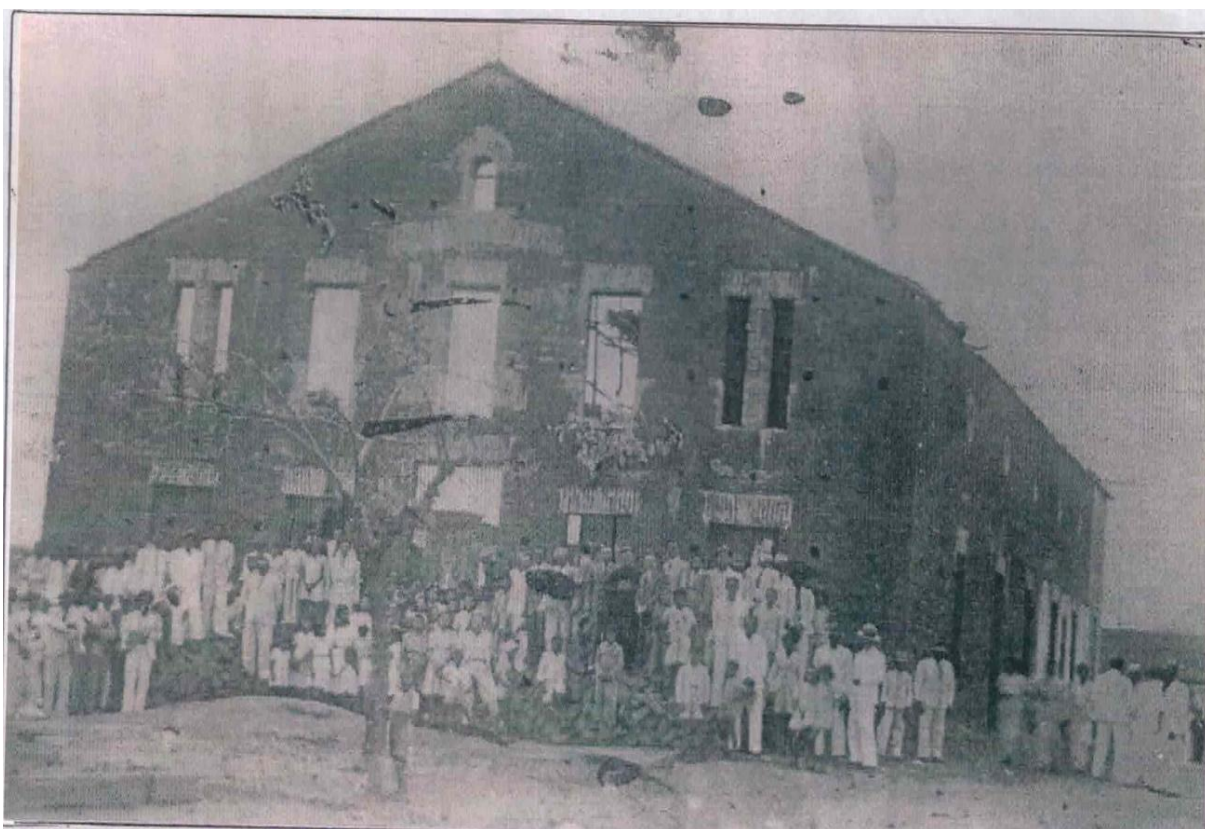
Conforme Silva (2000), esse sistema de construção, que também foi utilizado na construção da primeira capela do município de Ipaumirim, trata-se de um método bastante antigo, datado de pelo menos 5.000 anos, mas que até hoje é um dos métodos bastante utilizados em todo o mundo, sendo que muitas vezes a terra é usada para fabricação de tijolos que passam por processo de cozimento, tornando a construção mais resistente. Contudo, as casas de terra crua no Brasil são percebidas como sinônimo de pobreza, insalubridade, fator de risco para Doença de Chagas (tendo em vista que o inseto transmissor da doença é frequentemente encontrado nas frestas das paredes dessas construções, nas regiões endêmicas), entre outros.

Ainda de acordo com o mesmo autor (SILVA, 2000), na época da colonização no Brasil, as técnicas de construção mais utilizadas eram a taipa de pilão, taipa de mão ou pau-a-pique, essa última composta por uma estrutura de madeira que era preenchida com o barro, sendo uma construção bastante resistente e exigindo baixo contingente de mão de obra. Essa era a técnica mais utilizada pela população mais

pobre e por isso passou a ser identificada pelos colonizadores europeus como tipo de construção miserável. Já a taipa de pilão era reservada principalmente aos prédios públicos, como residências das classes dirigentes, Casas de Câmara e Igrejas, que eram construídos com o uso de óleo de baleia, para dar maior resistência às paredes. Interessante notar que alguns exemplares desse tipo de construção resistiram através do tempo, tendo em vista a maior resistência e solidez.

Em 1889 o senhor Felizardo Vieira doou cem metros para a construção da nova capela no qual permanece com o nome de Nossa Senhora da Conceição, o mesmo doou o sino para a capela já feita de tijolo, construída por Monsenhor Carlos de Moraes, por volta de 1920, com as dimensões que possui atualmente. A capela foi deslocada para o centro da cidade entre 1898 e 1901, localizando-se entre as ruas do Sol e da Sombra, como antigamente eram denominadas, sendo atualmente as ruas Prefeito Alexandre Gonçalves e rua Coronel Gustavo Lima.

Segue abaixo a fotografia da capela Nossa Senhora da Conceição no ano de 1920.



**Imagem 1.** Capela de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1920. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

Após a construção da capela nas dimensões atuais, a torre foi mandada construir pelo Doutor Francisco Vasconcelos de Arruda, ao passo que o relógio foi adquirido pelo Padre José Ismar Patrola. Algumas décadas depois, em 1942, a capela foi reconstruída pelo Padre Manoel Carlos, sendo que sua estrutura passou por melhorias, inclusive a torre foi construída e incrementada à estrutura da capela na reforma que se deu nesse ano de 1942.

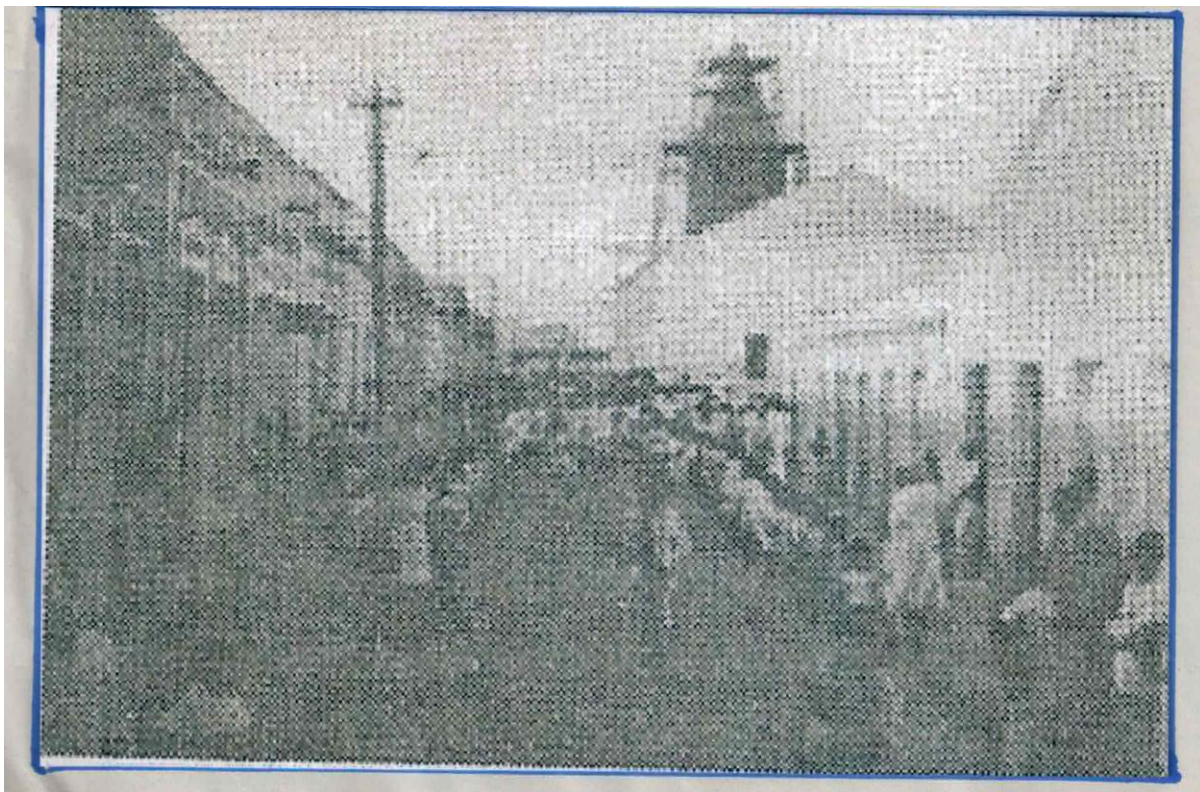
A capela retratada na fotografia acima, em comparação com as primeiras capelas, trata-se de uma construção com estrutura mais segura, feita com tijolo e cimento, se tornando mais moderna, uma vez que as anteriores forma construídas de taipa. A parte superior da fachada tem formato triangular com duas quedas d'águas, sua frente é composta por janelas e portas feitas de madeiras pintadas de branco, a porção frontal da capela possui várias pedras todas empilhadas perto da porta que dá acesso a seu interior. Observa-se que sobre essas pedras estão os devotos de Nossa Senhora, todos vestidos de branco (homens, mulheres e crianças). Entre as pessoas destaca-se a figura do Padre vestido com uma batina preta. Muitos encontravam-se no terreiro de chão batido. É possível visualizar ainda uma árvore de pouca sombra na frente da capela. Em sua lateral existem portas que também levam ao acesso, ao fundo sendo possível visualizar apenas a paisagem de um céu tão limpo.

Este período não Havia um Padre destinado para a capela, como ainda pertencíamos a Freguesia de Umari, era o Padre Manoel Carlos de Moraes o Pároco daquela localidade o responsável pela nossa região. Diante desse fato no ano de 1918 a pedido do Padre Manoel Carlos a Diocese a nomeação de um Sacristão para tomar conta das ações religiosas da comunidade de Alagoinha.

Segundo o autor (BEZERRA, 2013, p. 28),

Havemos por bem nomear como pelo presente nossa Provisão nomeamos Benjamim Ferreira do Bonfim Sachistão da capella de Nossa Senhora da Conceição da Alagoinha da Freguesia de Umary, o qual emprego servirá enquanto não mandamos o contrário com todo zelo e diligencia quem convém ao serviço de Deus e da mesma Capella, prestando antes juramento que lhe será deferido pelo Reverendo Parocho.

Segue a baixo as fotografias no ano de 1950 e 1956, da reforma da capela.



**Imagem 2.** Reforma da capela em 1950, representando a construção da torre. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.



**Imagem 3.** Reforma da capela em 1956. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

Nas imagens acima é possível observar grande número de pessoas e ao fundo a capela, com a torre em construção, na primeira foto, enquanto na imagem seguinte é possível observar melhor a torre da capela já finalizada.

O processo de se tornar uma matriz, uma paróquia, veio através do decreto no ano de 1961 por Dom Vicente de Araújo Matos, que se viu a necessidade de desmembrar a referida Paróquia de São Gonçalo do Amarante, de Umari. E sim construir uma nova paróquia, com o título de Imaculada Conceição com sede na cidade de Ipaumirim.

Segundo Bezerra (2013, p. 72),

A Igreja da Imaculada Conceição, situada na cidade de Ipaumirim, fica elevada à categoria de Igreja Paroquial, com todos os direitos das Igrejas matrizes. Assim determinamos que, na mesma Igreja Matriz, conserve-se o Santíssimo sacramento com necessária decência e devido ornato, estabeleça-se o batistério e a pia batismal, haja o livro de tombo e os registros de batizados, casamentos, óbitos e outros prescritos. A excelsa Padroeira de Ipaumirim seja invocada sempre com fervor e cercada de filial ternura e veneração dos paroquianos.

De acordo com o autor ao 25 de março de 1961 se deu início aos festejos em comemoração de posse de primeiro vigário da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, o Pe. Jose Ismar Petrola Jorge, sendo recebido com aplausos pelo povo e pelo reverendíssimo Pe. Manoel Carlos de Moraes. No qual assumiu do ano de 1961 a 1964.

Nesse ano assumiu o padre Jacques Matos Milfont, que exerceu o vicariato até 1967. Segundo o autor em 07 de setembro de 1967, o Pe. Jacques abandonou a paróquia de Ipaumirim e resolveu secularizar-se, levando uma senhorita com quem se uniu, deixando seu celibatário e a paróquia vaga, um episódio que deixou a população horrorizada diante dos acontecimentos e repercussões religiosas, sendo que medidas logo foram tomadas pelo bispo, encarregando o vigário de Umari, que ficaria regendo a paróquia até a nomeação de um novo vigário.

Segundo Bezerra (2013, p. 64), acerca da sucessão de vigários na paróquia após esse período:

E assim seguiram-se: Pe. Antônio de Alcantara, 1967 a 1974; Pe. Clairton Alexandre de Oliveira, 1974 a 1976; Pe. Geraldo de Araújo

Gomes, 30 de abril de 1976 a 02 de janeiro de 1978; Pe. Antônio Rodrigues Duarte, 1978; Pe. Orlando Tavares de Araújo, 1979 a 1983; Pe. José Coringa, 1983 a 26 de janeiro de 1988; Pe. José valdênio Arrais, início de 1988 a 31 de dezembro de 1988; Pe. Cicero Gomes da Silva, 1988 a 1992; Pe. Sebastião Pedro do Nascimento, 1993 a 2000; Pe. José Eliomar Tavares Serafim, 2000 a 2002. Atualmente a paróquia Nossa Senhora da Conceição tem à frente o Pe. Sebastião Pedro do Nascimento, que retornou ao município para continuar exercendo com êxito a sua missão de sacerdote.

Com relação à formação administrativa do município, após a desvinculação da Freguesia de São Vicente Férrer, atual Lavras da Mangabeira, Ceará, Alagoinha passou a ser distrito de Umari no ano de 1920. Já em 1933, Alagoinha passou a ser distrito do município de Baixio, permanecendo assim pelas divisões territoriais seguintes, sendo que apenas em 1943, com o Decreto-Lei estadual nº 1.114, de 30 de dezembro, o distrito passou a ser denominado Ipaumirim, palavra que deriva do tupi, através dos termos “ipau” (lagoa) e “mirim” (pequeno/a). A sede do município de Baixio chegou a ser transferida para Ipaumirim, por meio da Lei Estadual nº 2.161, de 12 de dezembro de 1953, sendo que Baixio passou a ser distrito de Ipaumirim, elevado à categoria de município em 01 de dezembro de 1954 (IBGE, 2010).

Os principais eventos culturais de Ipaumirim, atualmente, são a Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, que têm início em 8 de dezembro, e as Festividades de São Sebastião, iniciando-se no dia 11 de janeiro e estendendo-se até o dia 20, quando os romeiros visitam a Pedra de São Sebastião, vindos de diversas localidades circunvizinhas e até mesmo distantes. As festividades encerram-se com a procissão.

Na festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, grande número de devotos se reúnem, vindos de várias partes da cidade e da zona rural do município, participando durante alguns dias da programação que é elaborada pelos representantes da Igreja Católica. Pessoas de cidades vizinhas também participam das festividades e percebe-se uma intensa participação da população na organização desse evento.

A origem da festa de Nossa Senhora da Conceição está relacionada às influências da colonização portuguesa, fortemente marcada pela religião católica, de acordo com Nunes (2004, p. 14). A santa foi oficializada como padroeira de Ipaumirim:



Por volta do século XIV, a festa do dia 08 de dezembro era comum em diversos locais da Europa e, como decorrência, o Concílio de Basileia decidiu estender a festa a toda a igreja ao decretar que a Imaculada Conceição “era uma santa doutrina em conformidade com o culto da igreja, a fé católica, o raciocínio correto e as Sagradas Escrituras”.

Nessa tentativa de oficializar a devoção popular à Santa Imaculada Conceição, essa já era uma doutrina que fazia parte da fé católica. A fé teve início na devoção popular, e não de um ato redigido. Sendo que já era comum a comemoração em devoção à Nossa Senhora da Imaculada Conceição em diversos locais da Europa, o reconhecimento por parte da Igreja Católica veio mais tarde, conforme expressa Nunes (2004, p. 15):

O dogma da Imaculada Conceição foi dado pelo papa Pio IX em 08 de dezembro de 1854, com bula *indefabilis Deus* ao decretar solenemente que a “betíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção por singular graça e privilegio de Deus todo poderoso e em vista dos méritos de Jesus Cristo Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original.

Sendo assim, o dia 08 de dezembro passou a ser a data oficialmente escolhida para a realização da festa de Nossa Senhora da Conceição nos locais de devoção à Santa. Em Ipaumirim, a festa da padroeira se realiza entre os dias 28 de novembro e 08 de dezembro, sendo que o dia 08 é comemorado no mundo inteiro, sendo um dos últimos dogmas de Maria da igreja católica. O novenário é acompanhado por grande parte da população da zona rural e urbana, destacando a importância e a beleza desse acontecimento religioso. A participação ativa da população e as práticas religiosas, festejos e até mesmo as festas profanas caracterizam a grandiosidade desse evento que reúne todos os anos muitos devotos em nome da fé.

É interessante destacar que, em Ipaumirim, a história da devoção à Santa Imaculada Conceição tem início antes mesmo da construção da paróquia e realiza-se também a quermesse todos os anos, através da doação de grande quantidade de gêneros alimentícios pela comunidade e contando com a ajuda dos movimentos da Igreja, que durante o ano se preparam para a organização da festa. Além disso, é

comum a presença de barracas montadas nas proximidades da Igreja Matriz em que os comerciantes oferecem principalmente produtos alimentícios. Os movimentos da igreja são os principais participantes e vendem alimentos para arrecadar recursos para a Igreja.

A festa de Nossa Senhora da Conceição pode ser considerada a festa na qual a igreja mais se empenha, pois trata-se de um evento religioso realizado exclusivamente pela Igreja Católica, diferente da festa de São Sebastião, o co-padroeiro da cidade, na qual participam autoridades e o planejamento é feito em conjunto com a prefeitura. Além disso, empresários também participam e a festa destaca-se também por festas dançantes com finalidade lucrativa. Dessa forma, é na festa da Imaculada que os grupos, pastorais e movimentos da Igreja se empenham na organização, desde as campanhas, durante o novenário até o encerramento, no dia 08 de dezembro.

No dia 19 de março de 2015 a paróquia de Nossa Senhora da Conceição completou 56 anos. A festa da padroeira é realizada todos os anos, assim como a festa de São Sebastião, geralmente atraindo muitos devotos e representando um evento muito importante no município. A festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição marca profundamente o cotidiano da cidade. A aproximação do evento gera expectativas nos devotos e acaba movimentando toda a população local.

De acordo com a concepção católica, toda cidade possui uma Igreja sede Matriz que, a partir de sua história, tem um padroeiro, o qual é homenageado em uma determinada data. Em Ipaumirim, a festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição atrai fieis e promove um impacto importante na religiosidade da população do município. A festa da padroeira tem um valor social e prestígio atribuído à Santa cuja devoção se verifica em muitas partes do mundo, sendo padroeira de diversos municípios no Brasil.

Entre os dias 28 de novembro e 08 de dezembro, a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, em Ipaumirim, marca o cotidiano da cidade e muitas pessoas participam tanto da organização de eventos quando das festividades católicas. Assim, a propagação da fé através dos cultos e celebrações à Nossa Senhora Imaculada Conceição é significativa e tem se perpetuado em várias partes do país. Em Ipaumirim, a comunidade católica participa ativamente e fortalece a cada ano as comemorações à padroeira Nossa Senhora da Conceição.

### 3 UM OLHAR HISTÓRICO NA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO EM IPAUMIRIM-CE

Na cidade de Ipaumirim, São Sebastião é co-padroeiro, uma vez que a padroeira da cidade é Nossa Senhora da Conceição. A festa da padroeira tem um importante valor social e prestígio atribuído à Santa, tendo em vista que a devoção à mesma existe em muitas partes do Brasil e do mundo.

Entretanto, em Ipaumirim, a festa de São Sebastião atrai mais fiéis e promove um impacto maior no município, talvez em função do contexto histórico e cultural em que se desenvolveu a devoção no município. São Sebastião também é padroeiro de dezenas de cidades por todo o Brasil, sendo homenageado no dia 20 de janeiro.

A fim de contextualizar o surgimento e desenvolvimento da devoção em Ipaumirim-CE, assim como situar no contexto histórico a origem da crença em São Sebastião, é importante traçar breves comentários acerca do culto a um dos Santos mais populares no âmbito do catolicismo no Brasil. Muitos são devotos de São Sebastião no Brasil. Porém, poucos conhecem de fato sua verdadeira história.



**Imagem 4.** Saint Sebastian. Pintura de Peter Paul Rubens, 1618. Fonte: [wsj.com]. Acessado em: 15 ago. 2017

De acordo com a publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (BRASIL, 2010, p.35), é oportuno contar que o mártir São Sebastião foi um dos muitos soldados romanos que por fé em Jesus foi martirizado. São Sebastião nasceu em Narbona, França, no final do Séc. III; cresceu e foi educado em Milão. Seguiu a carreira do pai que era militar. Sempre que podia, visitava os cristãos encarcerados e ajuda aos mais fracos, doentes e necessitados. Podia se dizer que era um soldado dos dois exércitos: o de cristo e o de Roma.

O Imperador Maximiano empreendeu uma depuração de elementos cristãos nas forças armadas expulsando todos os cristãos de seus exércitos. Quando Maximiano soube que Sebastião compartilhava das crenças cristãs, sentiu-se traído e logo o chamou e exigiu que renunciasse ao cristianismo, ocasião em que Sebastião não renunciou, tendo o Imperador ordenado a sua morte da maneira mais desumana. Determinou que seus melhores arqueiros o desnudassem, amarrassem e flechassem para sangrar até a morte. Dado como morto, suas feridas foram tratadas pela viúva de outro santo, Cástulo, e conseguiu sobreviver. Confrontou-se novamente com o Imperador devido a sua crueldade para com os cristãos, ocasião em que este ordenou que Sebastião fosse espancado até a morte. Após sua morte, foi enterrado em um cemitério subterrâneo sob a Via Apia. Mais tarde a Igreja construiu na parte da catacumba um templo em honra do santo: a Basílica de São Sebastião que lá existe até hoje e recebe grande romaria dos devotos.

### 3.1 SÃO SEBASTIÃO EM IPAUMIRIM-CE (ROMARIA)

Em Ipaumirim, a romaria de São Sebastião é uma das mais expressivas do Estado do Ceará, situando-se atrás apenas da Romaria de Finados, em Juazeiro do Norte; e da Romaria de São Francisco, em Canindé, conforme ressaltam os autores Silva e Martins (2016, p. 155 e seguintes).

No caso de Ipaumirim-CE se evoca a imagem abaixo como representação do Santo.

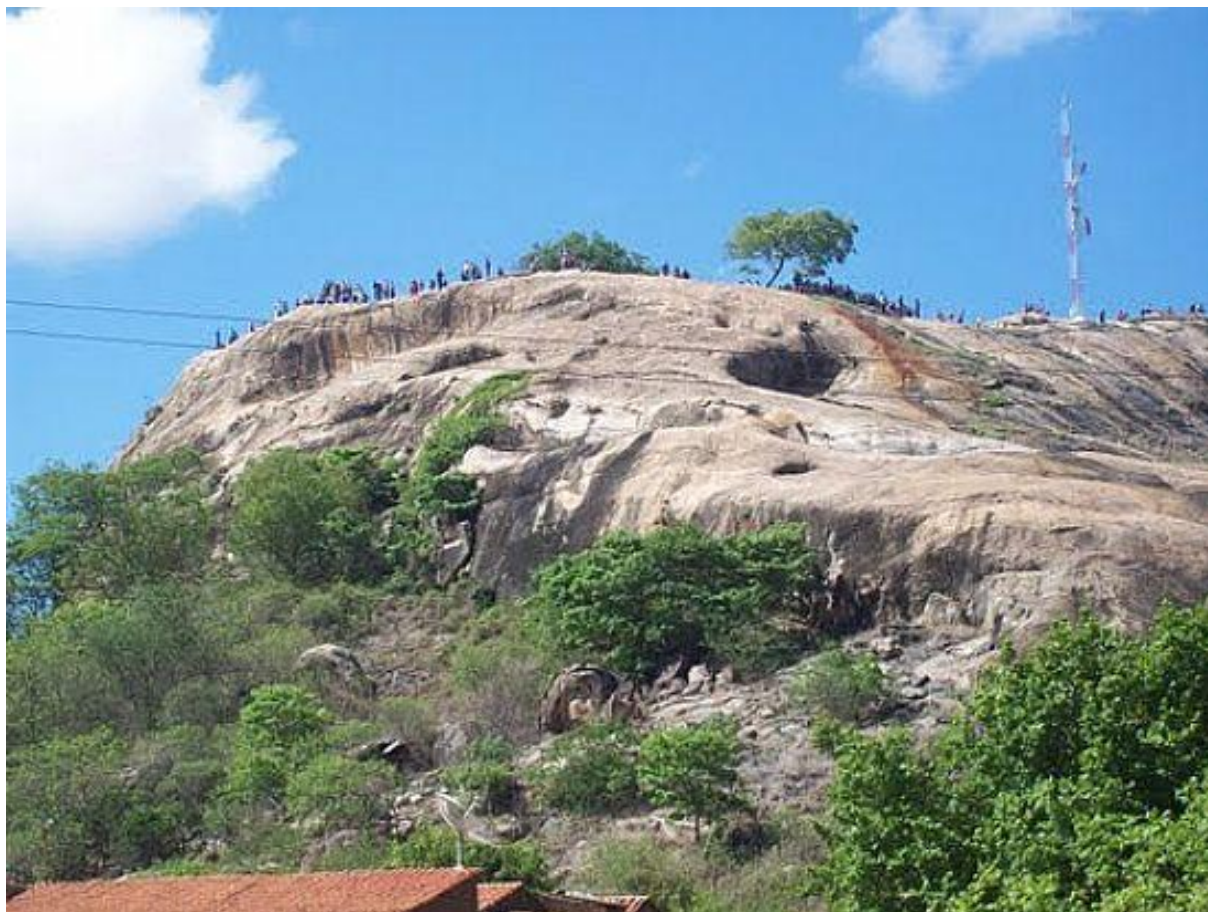


**Imagem 5.** Imagem de São Sebastião durante procissão em Ipaumirim – CE. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

A ilustração acima demonstra a imagem que é carregada em procissão todos os anos, no dia 20 de janeiro, quando se encerra o novenário de São Sebastião em Ipaumirim

A Pedra de São Sebastião é o ponto mais alto do município. Trata-se de um pequeno monte rochoso que virou lugar de peregrinação, distante cerca de três quilômetros do centro da cidade. No alto da Pedra, foi construída uma capela em homenagem à São Sebastião, sendo visitada todos os anos por milhares de romeiros e devotos de São Sebastião que afluem ao local especialmente no dia 20 de janeiro, data em que são realizadas festividades em homenagem ao santo padroeiro da cidade. Contudo, durante praticamente todo o ano o local recebe

visitantes em razão da devoção à São Sebastião, mas também por ser um local que permite uma visão panorâmica da região, inclusive sendo possível visualizar cidades vizinhas e localidades da zona urbana e rural do município de Ipaumirim.



**Imagem 6.** Pedra de São Sebastião. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

Como as homenagens ao Santo tratam-se de novenário, entre outras festividades e eventos, têm início no dia 11 de janeiro, quando a imagem de São Sebastião que encontra-se na capela do alto da Pedra é trazida para a Igreja Nossa Senhora da Conceição. No dia 20 de janeiro, a primeira missa é realizada no local de visitação, no alto da Pedra, sendo que ao final do dia realiza-se uma procissão e, em seguida, a imagem do Santo é levada de volta à capela, na Pedra São Sebastião, onde permanece até o ano seguinte, quando as festividades da devoção ao Santo são novamente realizadas. Além das motivações religiosas, é importante destacar que a Pedra de São Sebastião é considerada o mais importante local de visitação em Ipaumirim, possuindo uma das mais belas vistas da região, com aspecto natural preservado e atraindo visitantes tanto em função do caráter religioso

quanto para fotografar, realizar atividades físicas, pesquisas, passeios, entre outros objetivos.



**Imagem 7.** Visitantes sobre a Pedra São Sebastião, em 20 de janeiro de 2009. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

Em Ipaumirim, a festa do co-padroeiro São Sebastião possui maior expressividade popular do que a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, todos os anos atraindo milhares de pessoas vindas de diversos locais para visitar o local de culto ao santo, o alto da Pedra de São Sebastião, como também participar da procissão e demais festividades que caracterizam essa data desde o início da devoção, conforme ressalta Hermes Pereira (2013, p. 27 e seguintes) em sua obra, sendo continuamente transmitida entre as gerações e fortalecida a cada ano.

É interessante notar que milhares de católicos de vários municípios e inclusive de outros Estados, principalmente circunvizinhos ao Ceará, participam da tradicional romaria em Ipaumirim. Em 2016, a romaria foi realizada pela 97ª vez, sendo que aproxima-se o centenário da devoção no município, quando se completará um século de louvor à São Sebastião em Ipaumirim.



**Imagem 8.** Romeiros percorrem o trajeto que dá acesso à Pedra São Sebastião. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

O percurso realizado entre o centro urbano da cidade e a Pedra de São Sebastião possui cerca de dois quilômetros e geralmente é feito a pé. Ao chegar no local, os visitantes e romeiros sobem os mais de 200 degraus até o topo, onde podem pedir graças e agradecer por aquelas alcançadas. Muitos aproveitam o momento para pagar promessas, geralmente subindo os degraus de joelhos, carregando pedras ou outros objetos pesados, de pés descalços, entre outras formas, simbolizando a dor e o sofrimento em agradecimento ao Santo pelas graças alcançadas.

Abaixo, imagem da escadaria que dá acesso ao topo da Pedra São Sebastião.





**Imagem 9.** Escadaria, Pedra São Sebastião. Foto [Panoramio.com]. Acessado em: 23 ago. 2017

Os romeiros também possuem um costume comum de acender um grande número de velas no alto da Pedra e queimar fogos de artifício durante todo o dia. Até mesmo em datas fora do período em que se comemoram as festividades de São Sebastião, os visitantes eventualmente realizam queima de fogos e deixam algumas velas acesas nas proximidades da capela. A devoção tem sido continuamente incentivada pela Igreja Católica e o número de fiéis que manifestam a religiosidade e devoção a São Sebastião tem crescido.

Abaixo, foto do dia 20 de janeiro de 2009 mostra fiéis acendendo velas sobre a Pedra São Sebastião.



**Imagem 10.** Fieis acendem velas sobre a Pedra São Sebastião no dia 20 de janeiro de 2009. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

O hábito de acender velas sobre a Pedra vêm desde o início da devoção, quando os primeiros devotos do Santo subiam até o topo e deixavam velas acesas. Atualmente, há locais reservados em torno da capela para que os fiéis possam deixar as velas que, durante o dia 20 de janeiro se acumulam em grande quantidade, mas também em outras épocas do ano, quando visitantes da própria cidade e de outras regiões sobem os degraus para fazer orações e pedir graças.

No dia 20 de janeiro, a primeira missa é realizada na Pedra, às 9:00 horas. Nesse momento, geralmente um grande número de pessoas encontra-se sobre a Pedra, visto que a missa é o momento mais aguardado pelos fieis, que começam a subir os degraus ainda pela madrugada. Uma segunda missa é realizada na Igreja Matriz, mas os visitantes continuam a subir a Pedra durante todo o dia, até o encerramento das festividades com a procissão, da qual participam grande número de fieis.



**Imagem 11.** Realização da missa na Pedra de São Sebastião, no dia 20 de janeiro de 2009. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

No fim da tarde, a partir das 17 horas, é realizada a liturgia de encerramento da festa, ao que se segue uma procissão com o andor do santo, percorrendo as principais ruas da cidade. Geralmente é um momento que reúne a maior parte dos romeiros, já que a visitação à Pedra ocorre durante o dia inteiro e as pessoas se revezam na peregrinação desde as primeiras horas da manhã até o fim da tarde.

O momento alto da festividade a São Sebastião é quando a imagem carregada por fieis fervorosos sai a porta principal da Igreja, uma multidão incontável de devotos aplaude demoradamente á vinda do santo e ao mesmo tempo, espera nele as benções necessárias para enfrentar mais um ano que se inicia. As esperanças são renovadas por estarem vivenciando um momento sagrado em sua vida

Durante a procissão, pessoas da comunidade e visitantes revezam-se ao transportar o andor do Santo, logo atrás do pároco e de membros da Igreja Católica que entoam músicas em homenagem ao Santo. A multidão segue a procissão, que dura aproximadamente uma hora.

Na imagem a seguir, observa-se o andor do Santo sendo transportado pelas ruas da cidade, seguido pelos devotos. Ao fundo, uma mensagem de boas-vindas aos membros da comunidade e aos visitantes que participam das festividades de São Sebastião.



**Imagem 12.** Imagem do Santo é transportada pelas ruas, em foto de 2009. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

A procissão é considerada um dos momentos demais destaque nas festividades de São Sebastião, na qual participam ativamente as pastorais e movimentos da Igreja Católica. Na foto acima, observa-se um dos membros da Irmandade do Santíssimo.

O número de devotos que visitam a cidade para participar das festividades de São Sebastião tem sido cada vez maior. De acordo com o Jornal Diário do Nordeste, que tem feito a cobertura da festa nos últimos anos, em 2016 aproximadamente 20 mil devotos passaram por Ipaumirim. A publicação ressaltou ainda o empenho do pároco da cidade, ao destacar que a cidade representa um centro de romaria que tem crescido a cada ano.

Em 2016 foi lançado o tríduo preparativo para o centenário da romaria de São Sebastião, em 2019. Durante todo o dia a movimentação é intensa, com grande concentração de pedestres e veículos por toda a cidade, tendo em vista que com todo o afluxo de pessoas, os comerciantes locais e de outras cidades exploram artigos religiosos, produtos alimentícios e muitos outros gêneros.



**Imagem 13.** Fieis participam da procissão que marca o encerramento da Festa de São Sebastião em Ipaumirim, em foto de 2009. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

Os romeiros possuem diversas motivações para se deslocarem de suas cidades de origem para vir a Ipaumirim, participar da romaria de São Sebastião. Alguns fazem promessas, pagam pelas graças alcançadas ou renovam pedidos de intercessão de São Sebastião. A maioria das narrativas dos romeiros fala sobre a cura de doenças em si mesmos ou nos parentes. Após o dia 20 de janeiro, geralmente no dia seguinte, ocorre o retorno da imagem para a capela no alto da Pedra, de onde será novamente transportada à igreja matriz no ano seguinte.

Além das festividades religiosas, é costume na cidade que nos dias 18, 19 e 20 de janeiro, festas populares sejam realizadas, tanto em praça pública quanto em clubes particulares, as mesmas atraindo grande número de pessoas devido à representação de uma tradição em continuidade.

A romaria em devoção à São Sebastião na cidade de Ipaumirim tem crescido à cada ano, sendo que, aproximando-se de seu centenário, o afluxo de jovens, crianças e idosos de vários lugares próximos e até mesmo distantes, enche as ruas da pequena cidade e, principalmente, a Pedra de São Sebastião.

No Ceará, São Sebastião é co-padroeiro de Ipaumirim e Aquiraz, mas também é padroeiro das cidades Nova Olinda, Monsenhor Tabosa, Apuiarés, Pedra Branca, Mulungu, Choró e Mangabeiras.

### 3.2 A MENTALIDADE DO POVO SOBRE O “CAUSO”

O início da devoção à São Sebastião em Ipaumirim data aproximadamente de 1919, quando Maria Lúcia, uma senhora que habitava na região, no Sítio Serrote, sendo devota do Santo e realizando uma caminhada diária, resolveu colocar a primeira imagem de São Sebastião no morro que levava o mesmo nome, Pedra de São Sebastião, devido a uma graça alcançada. Algum tempo depois, a imagem foi encontrada por caçadores que a trouxeram para a Capela da Vila, mas quando Maria Lúcia soube do fato, sem que ninguém percebesse recolocou a imagem no mesmo lugar. Tendo esse feito se repetido por diversas vezes, muitas pessoas passaram a falar em milagre, sendo que posteriormente foi descoberto o motivo da imagem sempre retornar ao mesmo local (BEZERRA, 2013, p. 23).

Esses fatos despertaram notoriedade na população local e, no ano seguinte, em 1920, o Coronel João Augusto Lima promoveu a construção de uma cruz de

madeira com um ninho ao meio, no qual foi depositada a imagem de São Sebastião. A cruz foi fixada no alto da Pedra, abrindo caminho para a romaria que passou a realizar-se todos os anos seguintes. Posteriormente, em 1957, foi concluída a construção da Capela de São Sebastião em cima da Pedra, inaugurada no dia 20 de janeiro daquele ano. A romaria foi sendo fortalecida à cada ano, sempre realizando-se na mesma data e reunindo cada vez mais fiéis.

Durante muitos anos, a subida à Pedra foi realizada com certa dificuldade, visto que a rocha foi mantida em seu estado natural e certos trechos mais íngremes ofereciam até mesmo algum risco de quedas aos romeiros. Contudo, no ano 2000, uma obra de grande importância para o bem-estar e segurança dos visitantes foi realizada através de uma parceria firmada pelo então Prefeito Municipal Doutor José Miraneudo Linhares Garcia com o Centro de Turismo do Ceará – ENCETUR, resultando em uma grandiosa reforma e construção de uma escadaria desde a base até o topo da Pedra, facilitando a subida de maneira mais rápida e segura.



**Imagem 14.** Fiéis sobem os degraus para alcançar o topo da Pedra São Sebastião. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

Na imagem acima, é possível distinguir um pequeno açude ao fundo e a vegetação. Os romeiros percorrem a escadaria que dá acesso ao topo da Pedra. Observa-se ainda o telhado de um dos vários abrigos dispostos ao longo do percurso.

Outras melhorias também foram realizadas, como a instalação de correntes de proteção e corrimão acompanhando toda a extensão da subida, de mais de 200 degraus. Tendo em vista que muitos idosos e crianças frequentam o local e muitas vezes, na data em que se comemora a festa de São Sebastião, coincide com épocas chuvosas, a obra realizada buscou garantir maior acessibilidade e segurança aos visitantes.

Foi construído ainda um local para a realização de missas, um abrigo para visitantes, bancos, um amplo estacionamento e melhoria das estradas que dão acesso à Pedra, um galpão com banheiros, entre outras benfeitorias.



**Imagem 15.** Devoto de São Sebastião sobre os degraus de joelhos, numa demonstração de fé e agradecimento às graças alcançadas. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.



A imagem acima representa um acontecimento muito comum no dia 20 de janeiro, um devoto sobe os degraus de joelhos e com pés descalços, em agradecimento às preces atendidas.

Além desses devotos, podemos destacar aqueles que se penitenciam pela graça alcançada, subindo os degraus ajoelhados no granito a ponto de chegar a sangrar, dentre outros tem os pais que vestem suas crianças nos trajes do santo de devoção.



**Imagem 16.** Devoto de São Sebastião sobre os degraus de joelhos, e a criança com as vestes de numa demonstração de fé e agradecimento às graças alcançadas. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

É importante também ressaltar, o número de ex-votos ou artefatos que são depositados na sala dos milagres existente no alto da pedra, onde romeiros e devotos de todos os lugares os depositam em agradecimento aos milagres alcançados.

Segundo José Claudio Alves de oliveira (2008, p.18) fala que:

A importância da sala dos milagres se deve ao fato dela ser o espaço acolhedor do objeto que se torna, ai um ex-voto. É o espaço que possibilita a comunicação entre o crente, os demais fieis e curiosos e o ente superior. É o espaço que expõe o testemunho da crença.

Por outro lado, o que mais chama atenção é a questão dos ex-votos retratarem os mais diversos tipos de enfermidades nas variadas regiões corporais do devoto, tais como: braços, pernas, mão, pé. Todos esculpidos em madeira o gesso.



**Imagem 17.** Sala dos milagres. Fonte: Arquivo Pessoal de Hermes Pereira Bezerra. Consultado no ano de 2016.

Assim fica demonstrado que para os fiéis o glorioso mártir é tido como o médico que cura as feridas do corpo e da alma.

Assim a veneração a São Sebastião motiva, a cada ano, muitas pessoas a caminharem até o alto da pedra; lá, fazem orações de súplicas e agradecimento, rogando ao santo que possa interceder por elas, junto a Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No movimento desta monografia pretendo ter conseguido demonstrar como a devoção aos Santos é um ofício que permeia grande parte da vida cotidiana das pessoas e oferece chaves compreensivas para a religiosidade popular. Nesse trabalho iniciei minha abordagem apresentando alguns aspectos do catolicismo. Partindo do processo de romanização, ressaltando as mudanças sofridas pela Igreja católica nesse período. Percebemos que mesmo diante dessas transformações, permaneceram principalmente nas classes populares.

Passei então, a abordar a prática da religiosidade popular por meio das romarias que revelam a vontade de um povo de transcender a sua devoção, suas crenças e sua fé naquilo que acredita como ser sagrado.

Neste sentido, ressaltamos os principais aspectos da paróquia de nossa Senhora da Conceição em Ipaumirim, abrangendo os primórdios da formação do município, a importância da religião nesse processo sob a influência da religiosidade.

Na prática popular da religiosidade católica o elemento central é o santo. Nesse sentido observa-se que os cultos ao santo sempre fizeram parte da história de Ipaumirim, sendo um elemento que tem sido continuamente incentivado pela Igreja católica e uma das suas principais expressões tem sido a romaria a São Sebastião.

O Desenvolvimento e conclusão desta pesquisa foi refletir sobre a devoção a São Sebastião na cidade de Ipaumirim. Dentro dessa proposta contextualizamos o surgimento da devoção, onde os católicos devotos populares estruturam a prática a partir de um milagre em que se acredita na presença do santo, com isso os devotos incorporam adoração às suas formas de culto.

Ao concluir minha pesquisa, reconheço que realmente trilhei caminhos muitas vezes sem sucesso, mas descobri fatos históricos que despertaram em mim uma vontade de conhecer a fundo o universo religioso que desencadeou no município de Ipaumirim. Então cheguei à conclusão acerca de que foi debatido, que a religião é sim, parte fundamental na vida e nas práticas cotidianas das pessoas, que expressam suas crenças e sua fé aos locais de culto religioso por meio das peregrinações e romarias.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, I. P.; LIMA, B. H. A.; SANTOS, G. R. M. Religião e sociedade: as relações entre o Estado e as concepções religiosas na formação do ordenamento social e jurídico. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, Vitória da Conquista (BA), n. 12, p. 9-31, 2011.
- ALMEIDA, M. I. M. **Memória e história: o caldeirão da Santa Cruz do Deserto na narrativa histórica**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, São Paulo, 2011.
- ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de Finados**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ASSIS, R. J. S.; SAMPAIO, J. L. F. Formação territorial do Ceará: dos caminhos antigos aos projetos ferroviários (1817-1877). **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 139-157, jul./dez., 2012.
- AZZI, R. Igreja e Estado no Brasil: um enfoque histórico. **Perspectiva Teológica**, Ano XVIII, n. 29 a 31, p. 7-17, jan./dez., 1981.
- BEZERRA, H. P. **Ipaumirim 60 anos: fatos e fotos Alagoinha / Ipaumirim**. – 2ª ed. – Ipaumirim, Ceará, 2013.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê das festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó**. Belém, dezembro, 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>> Acesso em: 25 set. 2017
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DUARTE, A. H. S. D. Romarias: experiência de fé e circularidade cultural. **Anais... XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**, ANPUH/SP, Franca, set., 2010.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- FORMIGA, N. V. **Organização do espaço e agricultura familiar na comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras no Município de Pombal – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.
- GOMES, Adriana. O processo de secularização do Brasil no limiar da República e a criminalização do espiritismo. **Sacrilégens – Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 83-93, jan./jun., 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230570>> Acesso em: 13 ago. 2017

JUCÁ NETO, C. R. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 133-163, jan./jun., 2012.

LIMA, D. V. B. A igreja católica no século XIX e as missões no Norte do Brasil. **Anais...** GP Igreja Católica no Brasil / UNESP, 2012. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>> Acesso em: 28 jul. 2017

MELLO, J. O. A. **História da Paraíba: Lutas e Resistência**. – 10ª ed.– João Pessoa: A União, 2002.

MESQUIDA, P.; KLENK, H. A romanização do aparelho religioso católico, a educação e a formação de professores à luz de fontes documentais. **Anais... VI EDUCERE – Congresso Nacional de Educação – PUCPR – PRAXIS**, 2006. <Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/>> Acesso em: 5 ago. 2017

MONIZ, Edmundo. **Canudos: a luta pela terra**. – 9ª ed. – São Paulo: Global, 2001.

MOREIRA, E.; TARGINO, I. De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 10, n. 10, p. 72-93, jan./jun., 2007.

MOREIRA, E.; TARGINO, I.; SILVA, L. M. G.; SILVA, M. V. T.; LIMA, G. F. Estruturação do território municipal paraibano: na busca das origens. **Cadernos do Logepa**, João Pessoa, v. 2, p. 81-93, jul./dez., 2003.

MOTA, Geová Nepomuceno. **O fenômeno religioso da romaria sob a perspectiva da fé cristã: a romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008.

NUNES, O. N. L. Romanização do catolicismo da diocese de Limoeiro do Norte. **Anais...** II Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas/UECE, dez., 2014. Disponível em: <<http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/>> Acesso em: 3 ago. 2017

NUNES, V. M. M. **Imaculada Conceição, padroeira de Aracaju**. Cinform, Aracaju, 06 dez., 2004.

OLIVEIRA, F. R. C. Religião e participação política: considerações sobre um pequeno município brasileiro. **E-cadernos CES**, v. 13, p. 36-63, 2011. Disponível em: <<https://eces.revues.org/568?lang=en>> Acesso em: 5 ago. 2017

OLIVEIRA, J. C. A. Bom Jesus da Lapa: três romarias, um patrimônio e muita fé. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, São Paulo, v. 02, n. 1, set., 2008.

OLIVEIRA, J. C. A.; ABREU, A. C. Resgatando a história de uma cidade média: Crato capital da cultura. **Revista Historiar**, ano II, n. 1, 2010.

PINHEIRO, Ilmário de Souza. **O fenômeno da romaria de Juazeiro do Norte: implicações sociais e religiosas**. [Internet], 2009. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/>> Acesso em: 12 ago. 2017

ROLIM, Francisco Sales Cartaxo. **Guerra ao fanatismo: a diocese de Cajazeiras no cerco ao padre Cícero**. – Olinda: Livro Rápido, 2016.

SANTOS, I. S. Catolicismo: identidade e significado no Brasil do século XIX. **Anais... XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, Julho, 2011. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/>> Acesso em: 10 ago. 2017

SILVA, Cláudia Gonçalves Thaumaturgo da. **Conceitos e Preconceitos relativos às Construções em Terra Crua**. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, I. L. O.; MARTINS, M. C. S. Caminhos de Assis: das intenções às ações na rota de peregrinação turística no Estado do Ceará, Brasil. **Élisée**, Revista de Geografia UEG, Anápolis, v. 5, n. 1, p. 152-169, jan./jun., 2016.

SILVA, J. M.; MENDES, E. P. P. Agricultura Familiar e Cultura. **Anais... Encontro de Geografia Agrária**, Porto Alegre, 2010.

SOUSA, R. F. Religiosidade no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 27. n. 79, 2013.

SOUZA, R. L. As representações imaginárias do “Milagre em Joazeiro”. **Anais... ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História**, Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/>> Acesso em: 7 ago. 2017

SOUZA, W. S. S. Relação entre o catolicismo oficial e a religiosidade popular: um estudo sobre práticas de cura na Igreja do Anjo São Gabriel em Dom Macedo Costa – BA. **Anais... V Encontro Estadual de História ANPUH-BA: História e Memória: Lugares, Fronteiras, Fazeres e Políticas**, 2010.

TABRAJ, M. B. A romanização da Igreja Católica no Brasil. **Anais... HISTEDBR – Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, IV Seminário Nacional**, p. 572-584, 1997. Disponível em: <[www.histedbr.fe.unicamp.br/](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/)> Acesso em: 8 ago. 2017

XAXÁ, M. S. S. **Construção com terra crua: bloco mattone**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência e Tecnologia) – Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2013.

WEEGE, A. **Viagem ao centro da romaria: o corpo como espaço teológico na romaria de Nossa Senhora de Salette de Marcelino Ramos**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2008.